

ANAIS DO X ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

2022

INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE NA LITERATURA





ANAIS DO X ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

2022

INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE NA LITERATURA





ALEXANDRE S. ASSINE
AMADÚ DAFÉ
DANNY SPÍNOLA
DOMÍCIO PROENÇA FILHO
INÊS BARATA RAPOSO
INOCÊNCIA MATA
JOSÉ CARLOS VASCONCELOS
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA
JOSÉ JORGE LETRIA
LOPITO FEIJÓO
MIA COUTO
RICARDO FERREIRA DE ALMEIDA
SHEILA KHAN
TONY TCHEKA
UNGULANI BA KA KHOSA



Ficha Técnica

Título

LITERATURA E LUSOFONIA
ANAIS DO X ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA 2022
Insularidade e Universalidade na Literatura

Edição: UCCLA-União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

Coordenação geral: Rui D'Ávila Lourido

Coordenação técnica: Filomena Nascimento

Revisão e edição de textos

Filomena Nascimento
Maria do Rosário Rosinha

Apoio: Caroline Cicarello

Fotografia: Anabela Carvalho | UCCLA

Design e paginação: Catarina Amaro da Costa | UCCLA

ISBN: 978-989-54881-9-3

Impressão: Imprensa Municipal

Tiragem: 150 exemplares

ORGANIZAÇÃO



PATROCINADOR OFICIAL



APOIO INSTITUCIONAL



Comissão Temática
de Promoção e Difusão
da Língua Portuguesa
dos Observadores
Consultivos da CPLP



MEDIA PARTNER



RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL



Julho 2024

Os textos incluídos nesta obra, Literatura e Lusofonia 2022, são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. A presente edição segue a grafia do Acordo Ortográfico de 1990, exceto quando os autores optam por manter a grafia anterior.

ANAIS DO X ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA
2022

**INSULARIDADE
E UNIVERSALIDADE
NA LITERATURA**



CIDADE DA PRAIA – CABO VERDE

ÍNDICE

§	Texto de Apresentação Vítor Ramalho.....	13
§	Introdução Rui Lourido.....	15
§	Saudações ao X EELP (online) José Carlos Vasconcelos, diretor do Jornal de Letras e poeta José Jorge Letria, presidente da SPA - Sociedade Portuguesa de Autores Mia Couto, escritor.....	19 21 23
§	1.º Tema Literatura: Insularidade e Universalidade INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE NA LITERATURA Danny Spínola.....	27
§	2.º Tema Literatura e Sociedade – Inclusão e Património SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA José Eduardo Agualusa..... SOBRE O ACTUAL CONTRIBUTO DA LITERATURA ANGOLANA PARA A SOCIEDADE Lopito Feijóo.....	41 43

§	3.º Tema Vozes Femininas na Literatura Cabo-verdiana – Insularidade e Universalidade NOSSAS SENHORAS DE TUDO	
	Inês Barata Raposo	51
	VOZES FEMININAS NA LITERATURA (vídeo)	
	Inocência Mata	57
	VOZES FEMININAS NA LITERATURA – INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE: DINA SALÚSTIO, VOZ E PARTILHAS ENTRELUGARES	
	Sheila Khan	61
§	4.º Tema Políticas e temáticas da literatura contemporânea lusófona POLÍTICAS E TEMÁTICAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA LUSÓFONA (vídeo)	
	Alexandre S. Assine	69
	POLÍTICAS E TEMÁTICAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA LUSÓFONA	
	Ricardo Ferreira de Almeida	71
	POLÍTICAS E TEMÁTICAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA LUSÓFONA (vídeo)	
	Domício Proença Filho	79

§	5.º Tema Agora Falo Eu	
	– Tertúlia Literária: Testemunho sobre Eu Escritor.	
	Processos de Criação Literária e de Edição	
	TRÍADE NATURAL EM QUE SE AGRUPAM OS ESCRITORES (vídeo)	
	Amadú Dafé.....	85
	QUANDO O CHÃO DA ORALIDADE PARIU O LIVRO	
	Tony Tcheka	91
	EU, ESCRITOR, ME DISPO	
	Ungulani Ba Ka Khosa	97
§	Fotografias do X EELP Cidade da Praia	103
§	Programa do X EELP Cidade da Praia	127
§	Referências Biobibliográficas	131

[Os Anais do X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, Literatura e Lusofonia 2022, incluem apenas os textos que foram enviados para publicação.]



ANAIS DO X ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

2022

INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE NA LITERATURA





X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa

O X EELP – Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, é o quinto a realizar-se no contexto da proposta da Câmara Municipal da Praia de a UCCLA passar a realizar estes Encontros na cidade da Praia. Proposta que foi de imediato aceite pela UCCLA.

Neste âmbito, foi escolhido como tema central para este X EELP – “A Insularidade e Universalidade na Literatura”, onde serão discutidos subtemas como: Sociedade – Inclusão e Património; Políticas e Temáticas Contemporâneas Lusófonas e Testemunhos sobre Ser Escritor, Processos de Criação e Edição.

Agradeço ao Presidente da Câmara Municipal da Praia, o amigo Dr. Francisco Carvalho, ao Vereador da Cultura, Dr. Jorge Garcia, a toda a Vereação e aos demais membros dos órgãos autárquicos e serviços a colaboração e o apoio prestado em mais esta parceria com a UCCLA.

Tem havido a preocupação, nos sucessivos encontros, de fazer participar, em função dos temas, personalidades de renome de todos os países de língua oficial portuguesa. Nestes EELP já participaram escritores consagrados pelos principais prémios literários das literaturas escritas em Língua Portuguesa (incluindo 6 prémios Camões: Arménio Vieira, Eduardo Lourenço, Germano Almeida, João Ubaldo Ribeiro, Pepetela e Mia Couto). Estou também muito grato, por isso, aos escritores pela aceitação do convite para este X Encontro, que resulta de uma coorganização entre a Câmara Municipal da Praia e a UCCLA, com a especial parceria da Academia de Letras Cabo Verdiana e da Sociedade Cabo Verdiana de Autores. Não posso deixar

de destacar o inestimável patrocínio da Empresa Municipal de Estacionamento da Praia, sem o qual não seria possível manter anualmente, ao longo destes anos, este Encontro de Escritores de Língua Portuguesa. Finalmente, uma última palavra de reconhecimento para toda a equipa da UCCLA, orientada pelo seu Coordenador Cultural.

A riqueza de Cabo Verde, que abrange também todos os domínios da intensa e diversificada atividade cultural, que a Câmara Municipal da Praia dinamiza, não poderia deixar, por todas estas razões, de ter uma forte representação. Cumpre igualmente a estes encontros resgatar a memória de grandes escritores de Cabo Verde, como fizemos com Corsino Fortes e Jaime de Figueiredo. Homenageámos, igualmente, Arménio Vieira e Germano Almeida.

A circunstância de, nas sessões de abertura e de encerramento, estarem presentes ao mais alto nível membros de órgãos de soberania de Cabo Verde, para além do Presidente da Câmara da cidade da Praia, é uma enorme honra para todos nós.

Vitor Ramalho
Secretário-Geral da UCCLA



A Insularidade e Universalidade na Literatura

INTRODUÇÃO

O presente livro, intitulado – *Insularidade e Universalidade na Literatura*, é uma edição da UCCLA, no âmbito do X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa (EELP). Os organizadores escolheram colocar a “Insularidade e Universalidade” no centro da reflexão deste EELP, por ser uma temática essencial e definidora da identidade do Povo de Cabo Verde. Foi problematizada a possibilidade da existência de uma literatura puramente insular, sem influência universal, num arquipélago que, desde o século XV, permaneceu como plataforma de comunicação entre diferentes mundos e civilizações. Nomeadamente de europeus, africanos e americanos. Para a riqueza das literaturas que se expressam na língua oficial portuguesa, naturalmente, foram consideradas também as influências dos movimentos migratórios e de diáspora que têm vindo a exercer um papel multicultural cada vez mais importante nas nossas sociedades e no mundo globalizado de hoje.

Durante este X EELP, foi apresentado o vencedor da 7^a edição do Prémio de Revelação Literária da UCCLA, “Novos talentos, novas obras em Língua Portuguesa”, Alexandre Assine, com o livro de poesia *Caligrafia*¹, que interveio por vídeo. O autor nasceu em Curitiba, no Estado do Paraná, no interior do Brasil. Seguiu-se a apresentação do livro *Três Dias em Fevereiro*, de Ricardo Ferreira de Almeida, natural de Angola, e que recebeu uma Menção Honrosa deste mesmo Prémio, o

¹ Ed. Guerra e Paz e UCCLA, Lisboa, 2022

qual interveio presencialmente. Desde a sua 1ª edição, em 2015, este prémio tem-se revelado o mais amplo Prémio de Revelação de todo o espaço Lusófono a nível de candidaturas, pois temos vindo a receber entre duzentas a oito centenas de obras em língua portuguesa, enviadas de todos os 5 continentes, abrangendo mais de 20 países, incluindo os 8 países de Língua Oficial Portuguesa. Já recebemos candidaturas da Ásia (Macau, Japão e Austrália), de África (África do Sul e os 5 países de língua portuguesa), da América (Brasil, Canadá, EUA, Chile, Paraguai) e da Europa (para além de Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Inglaterra e Suíça).

Entre as atividades complementares do X EELP, foi apresentada a revista Novas Letras, Revista de Letras Arte e Cultura, da Academia Cabo-verdiana de Letras, com um número de homenagem a Oswaldo Osório, Teobaldo Virgínio, Dina Salústio e Manuel Lopes. A SOCA ofereceu uma Tertúlia musical e poética com Pedro Moreno, Irina e Alice Moreira, bem como um Concerto com Assol Garcia. A Câmara Municipal da Praia brindou-nos com uma Noite Cultural de Música, Dança e Poesia, no Centro Cultural da Embaixada de Portugal em Cabo Verde, com o espetáculo “Coração de Lava”, cujo argumento se baseia no livro de poemas de José Luíz Tavares, numa coreografia de Mano Preto.

O presente livro inclui todos os textos que nos foram enviados por quinze escritores de entre os que foram convidados a apresentar comunicações ao X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, refletindo já o debate decorrido durante as sessões do EELP, que contribuiu para o aprofundamento das respetivas temáticas. Estes textos representam a diversidade de escritores de língua portuguesa, de Cabo Verde a Moçambique e Brasil, passando por Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Portugal. Os Encontros de Escritores de Língua Portuguesa, ao realizar-se em Cabo Verde, têm tido o privilégio de, frequentemente, acolher, entre os seus participantes o Primeiro-Ministro do Governo deste país, Ulisses Correia e Silva, bem como o Presidente da República de Cabo Verde, neste caso Sua Excelência, o Dr. José Maria das Neves.

A diversidade de perspetivas sobre os temas em debate é uma das riquezas deste livro, que apresentamos organizado em cinco capítulos: o primeiro, “Literatura: Insularidade e Universalidade”, o segundo, “Literatura e Sociedade – Inclusão e Património”, o terceiro, “Vozes Femininas na Literatura Cabo-verdiana”, o quarto, “Políticas e Temáticas da Literatura Contemporânea Lusófona”, e o quinto capítulo, “Agora Falo Eu – Testemunho sobre os Processos de Criação Literária e de Edição”.

Este Encontro foi uma coorganização da Câmara Municipal da Cidade da Praia (CMP) e da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA),

que se realizou de 6 a 8 outubro de 2022, na Cidade da Praia, em Cabo Verde. Queremos aqui expressar o público reconhecimento à Câmara Municipal da Praia e à sensibilidade para os temas culturais sempre demonstrada pelo seu presidente, Dr. Francisco Carvalho, e pelo seu vereador, Dr. Jorge Garcia, e a toda a equipa da Câmara Municipal da Praia, que foi fundamental na organização do X EELP na Praia. Quero dirigir uma palavra de agradecimento especial ao Dr. Victor Coutinho, Presidente da EMEP, pelo seu patrocínio do X EELP. Por fim, quero reconhecer o trabalho de preparação e acompanhamento desenvolvido por toda a equipa da UCCLA, em especial de revisão deste livro (Dras. Filomena Nascimento e Rosário Rosinha) e respetivo design (Dr^a. Catarina Amaro da Costa).

Desejamos que este livro e os Encontros de Escritores possam promover e divulgar a Nossa Língua Comum, aprofundar o relacionamento entre escritores, independentemente da sua nacionalidade e localização geográfica, idade, sexo e etnia. Quanto maior o acesso às diferentes formas literárias, maior a capacidade de informação e de conhecimento e, logo, maior capacidade crítica e intervenção cívica o leitor poderá assumir na sociedade.

Boa leitura!

Rui Lourido
Coordenador Cultural da UCCLA



SAUDAÇÕES AO X EELP

Uma breve, mas calorosa, saudação aos organizadores e a todos os participantes neste X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa. Aliás, devo dizer desde já, julgo que têm temas muito interessantes e bons participantes. Desde o início ligado a estes Encontros, com a colaboração que neles tentei dar, e tendo estado presente em quase todos, mormente em Cabo Verde e em Fortaleza, quero salientar a iniciativa e o trabalho da UCCLA na sua organização e na posterior publicação em volume dos trabalhos apresentados nesses Encontros. Depois, uma particular referência ao Secretário-Geral, Vítor Ramalho, sempre atento e diligente, e ao responsável pelo sector, o Rui Lourido, sem esquecer o anterior Secretário-Geral – com quem começaram estes Encontros, o Miguel Anacoreta Correia.

Por seu lado, Cabo Verde, como tantas vezes tem acontecido em vários domínios, julgo ser absolutamente fundamental – ter sido e continuar a ser –, para a continuação e ampliação e a qualidades destes Encontros e, por isso, é devido um preito aos seus governos, em particular às pessoas ligadas a estes sectores, e com uma referência especial, que julgo justificar-se, aos Presidentes da República que neles têm participado, o Jorge Carlos Fonseca, que neste também participou como escritor que é, e agora o Presidente José Maria Neves.

Aliás, creio que Cabo Verde é um exemplo nos domínios da cultura e do que, à falta de melhor, chamamos Lusofonia. E nestes dois domínios, assim a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e o Instituto Internacional de Língua Portuguesa conseguissem ter, ao seu nível, a ação, com o dinamismo e a qualidade destes Encontros promovidos pela UCCLA, com o apoio fundamental de Cabo Verde. Espero que os Encontros se venham a repetir por muitos anos e que o “JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias” e eu próprio possamos acompanhá-los e, na medida do nosso possível, apoiá-los.

José Carlos Vasconcelos
(JORNAL DE LETRAS, Portugal)



"UMA LUMINOSA LÍNGUA COMUM"

Temos sempre a unir-nos e por vezes até a afastar-nos a lusofonia, que é um património cultural e de civilização que nos confere mais representatividade no mundo.

A lusofonia é um tesouro e um privilégio, mas exige a continuidade e a intensificação do diálogo, sobretudo por parte de quem confunde territórios de grande dimensão com um poder que os isola e sobrepõe aos outros.

Tinha razão de sobra o grande poeta Fernando Pessoa, que também tinha a inspiração certa dos grandes divulgadores, quando disse que a sua pátria era a língua portuguesa. A língua portuguesa, com a sua mobilidade transformadora, faz com que o património linguístico comum possa acolher variantes vocabulares e gramaticais e transformar-se vigorosamente com a força das migrações, mas sem nunca pôr em causa a matriz da fala que nos une. Uma língua nunca pode ser um factor de exclusão e de subalternização de quem quer que seja. Nem o terror da repressão colonialista e a perseguição implacável aos mais convictos opositores da ditadura, que deu origem vergonhosa aos Tarrafais da nossa história partilhada e intensa, mas também a Caxias, a Peniche e ao Aljube, conseguiram enfraquecer e empobrecer a nossa língua que, com a democracia, ganhou um ânimo renovado e uma vitalidade que não admite rendição.

Presido há anos a uma Sociedade de Autores que, em 2025, irá celebrar um século de existência e que sempre se bateu pela capacidade que a língua tem de nos unir e fortalecer. A SPA (Sociedade Portuguesa de Autores) lançou as bases

mobilizadoras do diálogo com as sociedades de autores de outros países e tivemos a oportunidade de, no Rio de Janeiro, ainda não bolsonarizado, assinarmos um manifesto de apoio à expansão e preservação da nossa língua comum, oceano de palavras e ideias que renova em cada dia a nossa vitalidade comunicativa.

Também celebrámos intensos protocolos de cooperação com sociedades angolanas, cabo-verdianas e moçambicanas, em defesa dos criadores que a língua comum mobiliza e engrandece.

Sabemos que no futuro, que será o do centenário da SPA, que também está presente em diálogo com Macau na protecção desta língua patrimonial partilhada há séculos, surgirão novas oportunidades e desafios para continuarmos a fazer da língua portuguesa uma ponte capaz de ultrapassar fronteiras e alguns conceitos e equívocos geradores, por vezes, de tensões. O que nos une, com esta língua, será sempre mais forte e duradouro do que aquilo que episodicamente nos separa.

Que viva pois e sempre nos fortaleça, num mundo que precisa desesperadamente de paz, a luminosa língua que foi e continua a ser de Camões, Jorge Amado, José Craveirinha, Machado de Assis e Germano Almeida, entre muitos outros.

José Jorge Letria
Presidente da SPA - Sociedade Portuguesa de Autores



Em 2003 eu participei no quarto Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, que aconteceu na cidade de Natal – Brasil, e que foi promovido pela UCCLA. Foi um Encontro que não posso esquecer. Ali estavam escritores e amigos, outros que eu não conhecia; estavam ali os leitores, a maior parte deles tinha o primeiro contacto comigo, com a minha literatura e com a literatura dos meus colegas, mas ali se produziram laços que a literatura é capaz de criar, que são laços criados através das histórias que nós contamos e que escutamos dos outros e que produzem essa ligação, essa proximidade entre geografias e que fazem com que os nossos sonhos sejam partilhados para além do tempo.

Mia Couto

A world map silhouette is centered on a background of crumpled, textured paper. The map is rendered in a dark, muted blue color, contrasting with the lighter, textured paper. The overall aesthetic is organic and tactile.

X EELP na Cidade da Praia - Cabo Verde



1.º TEMA
**LITERATURA:
INSULARIDADE E
UNIVERSALIDADE**

DANNY SPÍNOLA |
Insularidade e Universalidade na Literatura



X ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.º tema

INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE NA LITERATURA

EM CIMA:

Danny Spínola



INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE NA LITERATURA

DANNY SPÍNOLA

A escolha do tema *Insularidade e Universalidade na Literatura* para o X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa deve-se ao facto de o evento acontecer num país insular, com uma tradição de abordagem desse assunto, tanto em poemas (dos poetas mais clássicos aos mais modernos), como, também, em textos de análise literária, pesquisas académicas e teses de mestrados e doutoramentos. Lembremo-nos do livro *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*, coordenado pelo investigador Manuel Veiga.

Quer-se, assim, abrir um espaço de debate sobre esta questão, que é transversal a várias literaturas e culturas de expressão lusófona das ilhas, tais como: Açores e Madeira, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, partindo do particular/insular e local para o geral, o macro e universal, tendo em atenção, até, a questão da globalização.

A questão que se põe é se há uma literatura de pensamento especificamente insular, sem qualquer ressonância universal, se há uma literatura insular com expressão reconhecidamente universal, ou, ainda, se, na produção literária dos escritores das ilhas, a expressão da insularidade é ou não relevante, seguindo os moldes e cânones das literaturas europeias, mais particularmente portuguesa, ou brasileira (como durante muito tempo se dizia das literaturas produzidas nos Açores e na Madeira, em Cabo Verde – antes do surgimento da “Claridade”¹ –, e em São Tomé e Príncipe).

¹ A *Claridade*, revista literária e cultural surgida em 1936 na cidade do Mindelo, Cabo Verde, esteve no centro de um movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana, os Claridosos. Os seus responsá-

Põe-se até a questão da diáspora como possível pertença a uma literatura de incidência insular ou marcadamente regional, local e insular, não obstante terem também ressonância e olhar universais, não só em termos de conteúdos, mas também de estética e de plasticização artística.

A intenção é falar da literatura de espaços pequenos e a sua abertura ao mundo, das influências que estes espaços sofrem, mas também da sua transcendência no mundo, trazendo exemplos dos prêmios ganhos e destaques conseguidos pela sua importância enquanto *corpus* literário e estético, ou vozes incontornáveis no panorama literário internacional.

Creio que a questão da Insularidade e Universalidade se reveste de interesse para uma abordagem na literatura cabo-verdiana, tendo em conta as similitudes e, também, as divergências que certamente serão apreciadas, não só pelas abordagens díspares atinentes à multiplicidade de características que aproximam esses dois conceitos/realidades, mas também pelas semelhanças socioculturais que possuem, derivadas de processos históricos idênticos e heterogêneos que advêm da sua historicidade.

Da mesma forma, pode falar-se da universalidade dessa literatura como fator de convergência, visto que a mundivisão de grandes problemas políticos, sociais e étnicos que possui se encontra intimamente ligada e plasticizada, de uma forma indelével, pelo pulsar universal, não só dentro da poética das ilhas, de uma voz ou testemunho importantíssimo da tragédia de um povo (à semelhança de muitos outros), no quadro de uma sociedade colonial-escravocrata, a qual tinha como sustentáculo e *ratio* fundamentais a negação do negro enquanto entidade social e racial desprovida da possibilidade de amar livremente, como, também, pela temática cosmopolita e intervencionista, de cariz revolucionário, de contestação social e de denúncia.

Sendo a Literatura cabo-verdiana uma realidade histórica relativamente recente, podemos falar de uma poesia romântica, surgida na transição do século XIX para o século XX, de uma poesia ufanista, positivista e universalista, “cujas musas se banhavam tanto na antiguidade greco-latina como na Europa Moderna no *mare nostrum* cabo-verdiano”; de uma poesia nativista e patriótica, pugnada pela afirmação dos valores culturais nacionais e

veis foram Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva (que usou o pseudónimo poético de Osvaldo Alcântara) e Jorge Barbosa, respetivamente oriundos da ilha de São Vicente, ilha de São Nicolau e da ilha de Santiago. In <https://pt.wikipedia.org/wiki/Claridade>, 17/09/2023

reafirmação da condição humana, estribada na sede de Justiça; de uma poesia modernista, cuja temática se centra na dissecação das raízes profundas da identidade e idiosincrasia do povo cabo-verdiano e na indagação poética, de inestimável pertinência ética, em que a denúncia social ocupa um lugar privilegiado, a par da interrogação sobre a sua identidade.

Sendo também pioneiros na busca das raízes crioulas e da criouliidade, como valores basilares da cabo-verdianidade, podemos aflorar o tema da recuperação positiva das raízes negras, no contexto da plena afirmação da poesia social, neorrealista, portuguesa, e da negritude, assim como o aprofundamento da questão social cabo-verdiana, mas já baseada na esperança de revolta e na negação do destino enquanto entidade inelutável.

Ainda se pode abordar a questão da consciencialização na Literatura cabo-verdiano; a abordagem marxista da problemática da escravatura, com a evidenciação do papel do Negro e do Mulato na criação de uma nova sociedade; o inconformismo ilimitado face à organização de todas as crises ínsitas na situação cabo-verdiana; e a natureza eminentemente contestatária de *praxis* anticolonial e de rebeldia, assim como a afirmação de Africanidade em uma cultura miscigenada, em consonância com a afirmação de um nacionalismo forte, originando uma certa poesia panfletária de luta e de protesto que viria a consolidar-se com a independência.

De igual modo, é lícito falar aqui de ruturas, de cesuras nesse fazer poético insular e universal, sendo mister incluir questões geracionais e a eminente valorização e revigoramento literário a partir da independência que viria a abrir novas portas às manifestações artísticas, de entre as quais a dialética de uma poesia e estética, correlacionadas com a questão da condição humana, o que originaria, por seu lado, mensagens de pendor filosófico, metafórico e existencialista com uma linguagem eminentemente universalizante.

Creio que esta breve introdução poderá ser ilustrativa das grandes linhas de força desse temário, a ser desenvolvido, o qual, evidentemente, não prescindirá da satisfação de esboçar o perfil das eminentes personalidades que o configuram, tanto como a de apresentar os discursos fulcrais que marcam esses percursos.

Vai-se tentar desenvolver esta tese, contida nesta afirmação inicial, através da historicidade e, principalmente, da literatura.

O propósito é demonstrar como é que uma literatura local poderá ser insular e, ao mesmo tempo, universal pela ressonância e reverberações que se inscrevem no *corpus* dos textos literários.

O Escravo, de José Evaristo de Almeida, um dos primeiros romances de temática

autóctone publicados nas colónias portuguesas em África, isto em 1856, demonstra que havia, então, uma elite cultural com um bom domínio da língua portuguesa em Cabo Verde, apontando para um grande substrato da cultura lusófona no percurso da cabo-verdianidade.

Os *Almanaques de Lembrança Luso-Brasileiro* são testemunhos também de que sempre houve, em Cabo Verde, comunidades de língua portuguesa, sendo exemplo desse facto os vários prémios literários ganhos por escritores cabo-verdianos.

No que diz respeito à história da literatura cabo-verdiana que, segundo muitos estudiosos (e por uma questão de metodologia), está dividida em 3 momentos (tese que, particularmente, não se comunga de todo aqui), vamos encontrar um meio literário eloquente, relativamente ao domínio da língua portuguesa pelos cabo-verdianos, mas também eloquente quanto à cultura cabo-verdiana de base lusófona. Encontramos, já, desde os chamados Pré-Claridosos, como José Lopes, Guilherme Dantas, Guilherme Ernesto, Januário Leite e outros, um domínio profundo da língua portuguesa e dos cânones literários portugueses, mas sempre com a questão identitária subjacente, revelada na procura das Hespérides, as ilhas *arsinárias*² da Atlântida perdida, em poemas de José Lopes. Encontramos, em todos os escritores cabo-verdianos dessa época, nomeadamente José Lopes, Pedro Cardoso e Eugénio Tavares, um posicionamento claro entre o ego da Pátria, lusófona, e o alter-ego da nação, crioula e mestiça, sendo evidente que tinham Portugal como Pátria, mas que se sentiam, incontestavelmente, cabo-verdianos, de uma certa cultura lusófona, e não portugueses, embora destes descendentes – *Como vós outros, nós também amamos/ A nossa Pátria, a Mãe/ De vossos pais, que é nossa mãe também (...)/* Manuel Ferreira afirma na introdução à compilação da Revista Claridade, que eles “ (...) *Suportaram a incómoda ambiguidade, reivindicando e sentindo a sua genuína condição de cabo-verdianos portadores de uma cultura específica e, ao mesmo tempo, aceitando a oficial paternidade portuguesa*”, lusófona.

Alfredo Margarido, a propósito, afirma que Pedro Cardoso adotou o pseudónimo Afro, rompendo com a visão pró-europeia e pró-portuguesa da maior parte dos intelectuais cabo-verdianos da sua geração, embora tenha sempre presente a pátria portuguesa e lusófona, como atestam alguns dos seus poemas, tais como o seguinte exemplo – *“Nasci na ilha do Fogol sou, pois, cabo-verdiano/ E disso tanto me ufano/ Que por nada dera tal. Se filho de Cabo Verde/Assevero – fronte erguida – /Que me é honra*

² Referência às Hespérides, ou Ilhas Hesperitanas, mitológicas ilhas no Atlântico, também conhecidas por Ilhas Arsinárias.

a mais subidal Ser neto de Portugal”; ou quando diz “*A luz também jorra neste belo arquipélago e a voz de Cabo Verde é já uma demonstração de vida, de independência e de liberdade de pensamento, que constitui um dos principais direitos dos povos*”.

Encontramos, inclusive, escritores dessa época, como Eugénio Tavares e Pedro Cardoso que dominavam de forma exímia a língua portuguesa, mas que fizeram questão de cultivar a língua crioula como forma de identidade, traduzida numa óbvia cabo-verdianidade nativista, exacerbada por Eugénio Tavares nas suas crónicas anticoloniais, de forte cariz contestatário, perante a situação de opressão e repressão. Esta temática é secundada por Pedro Cardoso no seu jornal O MANDUCO, que vergastava duramente o dorso do colonialismo fascista.

O poeta José Lopes, num dos seus poemas, disse “*é pátria a terra inteira*”, e num dos seus inúmeros escritos, “*Tenho anseios de que algum dia, embora no derradeiro momento da vida, pudesse ter o prazer de ver estas pobres ilhas independentes*”; não obstante ter exaltado sempre a pátria portuguesa, lusófona.

Com a moderna poesia cabo-verdiana, iniciada com os Claridosos, esse quadro de ambivalência linguística e cultural recrudescer, tornando-se mais evidente a cultura crioula de língua oficial portuguesa/lusófona e expressão crioula, não distante da lusofonia, devido ao seu carácter sincrético. Aliás, os Claridosos trilharam um pouco na pegada dos brasileiros na afirmação de uma língua brasileira e não portuguesa, exemplificado em *Amar Verbo Transitivo* e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, com as suas teses explícitas de construção de uma língua própria, existente, diferente daquela que a engendrou.

Lembramos aqui a semana de Arte Moderna, que teve lugar em São Paulo, no Brasil, de 13 a 17 de fevereiro de 1922, a qual teve grande repercussão na literatura brasileira e na forma de escrever de muitos escritores, de entre os quais se destacam Oswald de Andrade e Mário de Andrade, com as suas propostas revolucionárias, antropofágicas³, na procura de uma identidade nacional, popular e primitivista.

Baltasar Lopes afirma, num dos seus poemas, que “*A minha principal certeza é o chão em que se amachucam os meus joelhos doridos/ mas todos os que vierem me encontrarão agitando a minha lanterna de todas as cores/ na linha de todas as batalhas.*”

Ao que Jorge Barbosa acrescenta, “*Viver sempre vergado sobre a terra, a nossa terra (...)*”.

³ Movimento Antropofágico seria o “canibalismo” de culturas estrangeiras e assimilação delas na própria arte nacional. Assim, a arte brasileira incorporaria esses elementos como uma identidade brasileira multicultural e original, in <https://querobolsa.com.br/enem/literatura/movimento-antropofagico>, recolhido em 14/04/2023

A literatura dessa época, em Cabo Verde, que conviveu com a Presença e o Neorrealismo português, foi marcada principalmente pelo diálogo com a literatura portuguesa, lusófona e brasileira, nomeadamente com a literatura presencista e neorrealista portuguesa, de um Redol, Namora, Manuel da Fonseca, e, entre Baltazar Lopes, com o seu *Chiquinho*, e José Lins do Rego, com o seu *Menino de Engenho*; entre Jorge Barbosa e Manuel Bandeira, com o tema da “Pasárgada”, sempre presente, e também pela intertextualidade entre *Os Flagelados do Vento Leste* e *Chuva Braba*, de Manuel Lopes, com as obras do *Sertão*⁴ e do Nordeste brasileiro de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos.

Os Claridosos, de facto, fizeram questão de criar obras em que misturavam a língua portuguesa com palavras e expressões crioulas como corolários do que seria o português cabo-verdiano, o que não existe, propriamente, na medida em que, em Cabo Verde não se fala, no dia a dia, o português, mas sim o crioulo, ou a língua cabo-verdiana; assim, acabaram por criar uma literatura de cariz própria, lusófona, em certo sentido. De salientar que uma grande percentagem de escritores dessa fase do modernismo cabo-verdiano escreveu poemas em português e em crioulo, mas sempre com a reverberação da cultura e identidade cabo-verdianas em diapasão com a portuguesa, tendo em conta, até, a preocupação em contestar e retratar a situação de abuso, opressão e abandono a que os cabo-verdianos estavam votados pelo regime colonial.

Finalmente, na nova vaga de escritores cabo-verdianos surgida após o 25 de Abril de 1974 e a Independência Nacional, em 1975, os Pós-Claridosos, a dita lusofonia encontra-se já um pouco estiolada e ténue, dada a grande preocupação universalista presente nesses escritores da aldeia global e planetária que já diversificam as latitudes e longitudes das suas leituras, impregnando as suas escritas de ressonâncias das mais diversas literaturas mundiais e menos da literatura lusófona. Diga-se, de passagem, que, nesses escritores, a questão da *cabo-verdianidade* e da língua materna é quase que fulcral e um ponto de honra, com um significativo número de escritores bilingues que procuram um bom desempenho no manuseio e fluência da língua portuguesa e nas questões de cariz lusófono.

É mister dizer ainda que a língua cabo-verdiana se formou nos primórdios da colonização, tornando-se, já nos séculos XVI ou XVII, numa língua nacional que funda a nação cabo-verdiana, constituindo um fator identitário. E, o curioso

⁴ *Grande Sertão: Veredas*

dessa questão da lusofonia e bilinguismo é que, em Cabo Verde, o fenómeno de aculturação aconteceu de forma inversa, pois que, em diversas situações, não foram os colonizados a assimilar a cultura do colonizador, mas sim o colonizador a assimilar a cultura do colonizado, resultando dessa simbiose a cultura cabo-verdiana e lusófona.

Aliás, a literatura oral cabo-verdiana, através dos *Finason* da ilha de Santiago e dos *Kolá*, ou *Koladera*, da ilha do Fogo, constituem provas evidentes de que os cabo-verdianos têm uma pujante literatura em língua cabo-verdiana, ao lado de uma rica literatura em língua portuguesa, de base lusófona, tendo em conta o sincretismo patente nessa cultura cabo-verdiana, por um lado, e a idiosincrasia crioula do cabo-verdiano, por outro lado.

Há textos que se referem a essa questão, em que alguns analistas lusófonos se queixam das atitudes de muitos conterrâneos que, em chegando a Cabo Verde, começam a “falar aquela algaraviada do povo que ninguém entende”.

A fim de rematar alguns pontos de vista sobre a lusofonia, volta-se à questão de que os cabo-verdianos não são bilingues, embora haja um forte substrato lusófono na identidade cabo-verdiana.

Realmente, segundo o nosso linguista Manuel Veiga, “a vida, em Cabo Verde, decorre em crioulo – pensa-se em crioulo, sente-se em crioulo e ama-se em crioulo”; o quotidiano do povo cabo-verdiano é totalmente em crioulo e é menos do que 1% o tempo que se dedica à língua portuguesa no dia a dia, pelo que não há um bom domínio da língua portuguesa, oficial, como o da língua materna, nacional, para não dizer que é mesmo bastante deficitário o desempenho da maioria dos cabo-verdianos na utilização da língua portuguesa, o que nos leva a concluir que, de facto, em Cabo Verde há, como sugere Dulce Almada, uma situação de diglossia e não de bilinguismo.

Passando então à Literatura Oral, começaríamos por abordar a questão da oralidade e da oratura, e as imbricações existentes entre o local/insular e o universal, principalmente a apropriação de temáticas e assuntos pertencentes ao legado de literaturas clássicas universais pela oralidade local, que as recriam e grifam de cores e corpos locais/insulares.

A oralidade é a expressão do pensamento, que se não faz por escrito, ou por grafia, mas sim através da palavra dita, verbal. Não significa que não poderá ser escrita, mas sim que, inicialmente, foi formulada verbalmente pela palavra falada.

Quase desde os primórdios dos tempos a comunicação foi veiculada de forma oral, não obstante ter sido feita, também, através das pinturas rupestres, das

representações ideográficas, do alfabeto e da escrita cuneiforme, etc.; ou ainda do som dos tambores e de outras formas de comunicação, como gestos e fumos.

Antigamente, muito remotamente, a comunicação e o relato de acontecimentos, histórias e anúncios vários eram feitos através da comunicação oral. As grandes manifestações culturais e poéticas foram transmitidas oralmente, antes da invenção da escrita, desde a Grécia antiga, dos Aedos, e da Roma antiga; desde as grandes civilizações Egípcia e Hindu, com os Vedas, aos Maias, Incas e Aztecas, até aos Bardos Celtas, aos Trovadores Ibéricos e aos Cancioneiros populares e repentistas.

Mesmo depois do aparecimento do papel, da imprensa e do manuscrito, a oratura, ou oralitura, persistiu com a impressão de relatos, contos, lendas e poemas orais, dos jograis e arautos, resgatados ao longo de gerações, por se manterem as marcas, as técnicas, o estilo, o sabor e a peculiaridade da oralidade em que foram veiculadas.

A literatura oral esteve sempre ligada às lembranças, às memórias, às narrativas, aos folclores das populações e à cultura popular como garantes de transmissão de conhecimentos e de factos históricos e sociais, etnográficos, fazendo parte do quotidiano das pessoas e da coletividade.

A literatura oral esteve sempre ligada ao canto, à dança, às estórias, aos provérbios, às adivinhas e aos contos populares, feitos para serem ouvidos, principalmente, por aqueles que não sabem ler.

Ainda hoje, a oralidade está na ordem do dia através do áudio, dos livros, da rádio e televisão, dos CDs, da informática, do cinema, da literatura, e de tantos outros meios de comunicação.

Com a recolha das tradições orais, passadas para a escrita, preserva-se a memória do tempo e das coisas, resgata-se a vida que se vivia antigamente e o mundo em que viviam os nossos antepassados, com as suas formas de ser e de estar, de pensar e de viver.

A oratura, a literatura oral, constitui documentação importante para a história de um país, mas também para os sociólogos, antropólogos e investigadores em geral. Existem crenças, mitos, lendas, folclores, conhecimentos e saberes que constituem a memória coletiva do povo e a sua identidade, que são veiculados oralmente de geração em geração como forma de preservar e continuar a cultura dos ancestrais.

Hoje em dia, há tendência para se recuperar essa tradição que caiu um pouco no esquecimento com a modernidade das novas tecnologias, através da promoção de leituras nas escolas e em tertúlias culturais, nos teatros, e na recuperação das tradições.

Sendo a literatura oral popular e anónima, pertencente à memória coletiva, ela é versátil e de versões variadas, visto que *“cada um que conta um conto, acrescenta*

um ponto”, pois que cada intérprete faz a sua própria leitura e interpretação, já que há sempre uma recriação dessa invenção, que surgiu para ser dita e ouvida, sendo apreciada, de forma lúdica e poética, com a empatia e a emoção da participação e do compartilhar, no momento e tempo em que é veiculada.

A literatura oral, em África, possui uma grande tradição, tendo sido, durante muito tempo, um meio privilegiado de transmitir conhecimento e ensinamentos sociais e morais, desempenhando um papel importante no quotidiano das populações, sob formas várias, como o mito, a epopeia, os cantos fúnebres, as poesias encomiásticas e de louvor, com profunda ligação às crenças, à natureza e aos deuses. Possui também uma vertente épica, muito elaborada, veiculada por alguns especialistas, como os célebres *Griots*, enaltecendo feitos heroicos, de guerreiros e senhores, e de louvor que, como em outras paragens do mundo, viajam de terra em terra a cantar as suas canções e poemas.

Depois de nos termos debruçado um pouco sobre a literatura oral africana, passemos às literaturas orais ocidentais, começando por aquela de que, praticamente, derivaram todas as outras literaturas europeias e americanas subsequentes.

De facto, pode-se dizer que a literatura grega influenciou toda a literatura ocidental, desde a Roma antiga à literatura europeia medieval e ao renascimento, tornando-se o protótipo de beleza e estética para todas, sem contestação.

Os investigadores da literatura, ou da história da literatura, tomam, geralmente, as obras *Iliada* e *Odisseia*, de Homero, consideradas obras-mestras e imortais de toda a literatura universal, como as que marcam o nascimento da literatura grega, já que não têm nenhuma referência de outras que as tenham precedido.

São obras que atravessaram várias gerações, de forma oral – quer com acréscimos de outros ou não, mas, sem dúvida alguma, com a expressão, a forma e o estilo original da época.

São poemas épicos que retrataram a gesta e as histórias de um povo, as suas guerras e os seus heróis, transmitidos, durante séculos, oralmente, de forma magistral, até à sua fixação escrita. Eram recitados e cantados por trovadores e contadores de histórias que iam de terra em terra com as suas liras, entre os séculos XI ou X antes de Cristo.

Envoltos em relatos míticos e maravilhas, pejados de deuses e deusas milagrosos, os vinte e quatro cantos de cada uma das epopeias retratam, no caso da *Iliada*, a guerra de Troia e os seus heróis, e, no da *Odisseia*, a viagem de Ulisses e a sua descoberta de outros mundos e mistérios, todos, no entanto, centrados no carácter e valor humanos.

São, na verdade, obras prodigiosas, em termos narrativos e estéticos e, portanto, uma literatura oral sublime do ponto de vista literário, que serviu de inspiração e de base a quase todas as outras obras de carácter épico subsequentes.

A literatura oral é riquíssima. Para além dos poemas épicos de Homero, há as teogonias,⁵ de Hesíodo, os laicismos de Safo e Alceu, entre outros; as elegias gregas, o lirismo satírico amoroso e elevado; os epigramas e tragédias, as comédias, baseadas em mitos, lendas e dramas, das quais se destacam as de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípedes, até à prosa e à história com Heródoto.

Passando a outras literaturas ocidentais que terão influenciado ou constituído germes e pontos de partida para a literatura oral de Cabo Verde, tendo em conta que a nossa abordagem é na perspectiva de uma literatura comparada, vamos ater-nos, ainda que de forma breve, nalgumas literaturas não orais, mas iniciáticas e fundacionais, tais como as canções de gestas e as gestas épicas, com tons e marcas evidentes da oralidade.

Começando com a Literatura Latina, da Roma antiga, que foi praticamente uma mimese da literatura da Grécia antiga, a referência é uma poesia épica que, não sendo oral, influenciou, no entanto, a literatura oral europeia medieval, que se repercutiria, depois, nas literaturas das colónias dos países europeus.

De destacar aqui o talento de Virgílio, que terá influenciado vários grandes escritores, desde Dante até Milton ou Shakespeare; e, ainda, entre outros, Lucrécio, Ovídio, Catulo e Cícero, e o grande Horácio, conhecido e cultivado por, praticamente, todos os grandes escritores ingleses, com enorme influência na literatura moderna, tanto da Itália, como da França e da Inglaterra.

Mas a influência maior vem das gestas, das lendas e mitos, e das façanhas fabulosas dos Reis e Heróis, e suas damas, como as histórias de Carlos Magno, de Artur e de Ricardo Coração de Leão.

É o ambiente de superstição, de feitiçarias e bruxarias.

Dos franceses, vêm as *chansons de geste*, os cantos de feitos e aventuras, que aparecem depois dos *troubadours*⁷ e dos *trouvères*⁸.

É a poesia épica que canta o país e os grandes feitos nacionais e patrióticos,

⁵ *Teogonia*, também conhecido por Genealogia dos Deuses, é um poema mitológico de 1022 versos, datado do século VIII a.C. Com exceção do Génesis, é a mais antiga interpretação cosmogónica do mundo ocidental.

⁶ Canções de gesta

⁷ Poetas e músicos da região sul de França, onde se falava a “*langue d’oc*” que acompanhavam com música os seus poemas celebrando o amor cortês.

⁸ Poetas da região a norte do rio Loire, onde dominava a “*langue d’oïl*”, herdeiros da tradição dos *troubadours*.

destacando-se a Canção de Rolando⁹, o rei dos Francos, Carlos Magno, e Artur, rei lendário do que hoje é a Grã-Bretanha, que aparece nas histórias das ilhas, com o ambiente local, mas hiper-fantasiado.

A seguir, aparecem-nos as lendas e as fábulas de animais, por assimilação das fábulas de Esopo, que viriam a resultar nas célebres fábulas de Lobo e Xibinho, de Tia Ganga, de Pedro, Pálo e Manel, que nos lembram os três mosqueteiros.

Da Alemanha, vêm-nos as histórias de grandes tesouros e suas maldições, a partir do ciclo épico dos Nibelungos, resultado de versões de histórias variadas e populares, orais.

São tais as lendas islandesas/irlandesas e os contos de fadas, contos de princesas encantadas, varinhas de condão e encantamentos, em que aparecem os reinos do sobrenatural e do oculto, da feitiçaria e bruxedos, da magia, das capelas mágicas e dos números aziagos.

Das gestas e cantigas medievais, de grande influência na literatura oral de Cabo Verde, destacar-se-ão as cantigas de amor e de amigo nos versos de conquista *badiu*, ou nos *Finasons* e nas coladeiras (*Colá*) da ilha do Fogo.

Depois, há as cantigas de escárnio e maldizer, que serão os *Konbersu Sábi* ou *Pása Piada*, da ilha de Santiago, ou o *Kurkutisan*, da ilha do Fogo, os quais têm paralelo, ou similitude, com as cantigas repentistas do nordeste do Brasil, nascidas do desafio ou “desgarrada” portuguesa, de origem árabe, ou do canto Amebeu¹⁰ grego, em que dois contendores fazem uma disputa, num duelo poético, cantado, onde trocam insultos ou lançam perguntas e respostas, em jeito de adivinhação.

Essas poesias populares terão bebido muito da religiosidade do cabo-verdiano, acabando por introduzir e adaptar à realidade local e coletiva as lições, as histórias e as imagéticas bíblicas.

À semelhança do Brasil, a literatura oral em Cabo Verde possui muitas histórias e casos com animais e personagens hilariantes e cómicas, algumas picarescas e anedóticas, outras em cenários de fábulas com princípios éticos, moralistas e pedagógicos.

A tradição oral (contos, fábulas, mitos e histórias populares), que antecede a literatura escrita, tanto em português, quanto em língua cabo-verdiana, e que dá conta da identidade cabo-verdiana, pelos seus temas, formas e mundividência,

⁹ Título original, *La Chanson de Roland*, é o poema épico inaugural da literatura francesa. Uma canção de gesta sobre a batalha de Roncesvaux, nos Pirenéus, entre os Francos e os Muçulmanos.

¹⁰ Que tem forma de diálogo.

é vista a partir dos materiais existentes, e de materiais de estudo de alguns dos estudiosos e críticos, estabelecendo parâmetros informativos sobre a literatura em língua cabo-verdiana com opiniões, críticas e estudos, numa perspetiva atualizada.

Falar da oralidade na literatura cabo-verdiana é também falar da língua cabo-verdiana e de uma das propriedades fundamentais dessa oralidade, que é a de possuir a capacidade explicativa na língua de origem (o crioulo), que surgiu do encontro da língua portuguesa com várias línguas africanas, e que, muito cedo, se tornou veículo de comunicação da população de Cabo Verde, revelando-se como fator de identidade e da existência de uma nação.

Essa oralidade, na sua vertente literária, manifesta-se, principalmente, em cânticos (cantos de dança – o batuque – e de trabalho), a modos dos *Griots* africanos, e canções de gesta medievais europeias, atualizadas no dia a dia da população.

Estamos assim perante uma história da literatura cabo-verdiana que, à semelhança da maioria das literaturas, começa com a oralidade e se vai desenvolvendo até à escrita, criando, ao longo dos tempos, os géneros literários que a compõem, lírico, narrativo e dramático, que permitem uma interpretação das categorias de pensamento em que se expressam as representações coletivas.

Para além da análise literária que nos possibilita ter um *corpus* literário com características estéticas e criativas próprias, encontramos, também, a questão da identidade e da formação da nação cabo-verdiana; a situação socioeconómica e cultural, húmus e génese da criação literária oral do período pré-independência; a questão epistemológica e cognitiva e os temas, na perspetiva formal e dos aspetos sociais, culturais e antropológicos, a partir da criação literária, enquanto *corpus* coletivo ligado ao saber popular, e também erudito, pois, tanto a literatura oral como a escrita representam o universo sociocultural cabo-verdiano.

A abordagem de aspetos ligados ao crioulo torna-se obrigatória enquanto suporte de uma literatura em língua cabo-verdiana, muito dinâmica, com uma significativa produção de publicações e um número considerável de escritores.

A forma como a literatura cabo-verdiana surgiu e se foi delineando e moldando, com características próprias e específicas, passíveis de refletir a sociedade e nela se refletir, bem como a possibilidade de se tornar matéria de estudo estruturado e científico, capaz de possibilitar um vasto conhecimento da mundividência e do modo de ser e de estar do cabo-verdiano, constituem também proposições desta investigação.

2º TEMA

LITERATURA E SOCIEDADE

– Inclusão
e Património

1. JOSÉ EDUARDO AGUALUSA | **Sobre a língua portuguesa**
2. LOPITO FEIJÓO | **Sobre o actual contributo da literatura angolana para a sociedade**



X ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Conferencistas do 2º tema

LITERATURA E SOCIEDADE – INCLUSÃO E PATRIMÓNIO

EM CIMA:

Da esquerda para a direita,

José Eduardo Agualusa e Lopito Feijóo



SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Boa tarde. É com grande alegria que estou hoje aqui com vocês, infelizmente não presencialmente, com muita pena minha, porque tenho um grande amor por Cabo Verde e seria uma oportunidade de visitar amigos.

Venho aqui para vos falar da língua portuguesa. Da língua portuguesa que me interessa, da minha língua portuguesa enquanto escritor. Para mim, é absolutamente claro que a minha língua portuguesa não se restringe a um território, não é apenas a variedade do português falado em Angola, não é a variedade do português de Portugal, ou do Brasil, enfim, das diferentes variedades do português no Brasil; o que me interessa é a língua portuguesa falada em todos esses territórios. Mais do isso que até, interessa-me também a língua portuguesa ao longo do tempo, a língua portuguesa que foi sendo falada em Angola, ao longo de gerações, em Portugal ou no Brasil. Eu tento utilizar essa língua portuguesa, na sua globalidade, na sua inteireza, nos meus romances.

Gostaria ainda de aproveitar este tempo para falar um pouquinho sobre o caso angolano, porque é um caso interessante. Angola é um dos poucos países em África que foi capaz de se apropriar da língua colonial e de a nacionalizar, de tal forma que hoje talvez já mais de metade dos angolanos falem português como língua materna. Evidentemente, isso traz alguns problemas porque, infelizmente, esse crescimento da língua portuguesa tem sido feito à custa de algumas línguas nacionais, e eu defendo que é preciso apoiar as línguas nacionais, ao mesmo tempo que se apoia a língua portuguesa. Eu acho que as línguas nacionais deveriam também ser línguas oficiais, utilizadas pelo próprio Estado, e deveriam ser ensinadas nas escolas, a par da língua

portuguesa, e acho extremamente saudável esse namoro entre a língua portuguesa e as nossas línguas nacionais. Aliás, o português angolano tem vindo a desenvolver-se e a ganhar força, vitalidade e criatividade, muito graças a esse convívio com as línguas africanas de Angola.

Para terminar, quero em primeiro lugar realçar que, enquanto escritor, o que me interessa é esse português plural, essa língua portuguesa plural e, enquanto cidadão angolano, interessa-me este português extremamente criativo que se fala em Angola. Também nos meus livros tento mostrar como esse português angolano se foi modificando ao longo do tempo, foi crescendo, se foi desenvolvendo e enriquecendo, mas interessa-me também chamar a atenção para a importância das línguas africanas de Angola, que estão diretamente e intimamente ligadas ao desenvolvimento da língua portuguesa.

Muito obrigado.



SOBRE O ACTUAL CONTRIBUTO DA LITERATURA ANGOLANA PARA A SOCIEDADE

LOPITO FEIJÓO

Sempre vivi em Angola, onde fiz todos os meus estudos, sem nunca ter usufruído de uma só bolsa por parte do Estado, como seria normal se alguma vez me tivesse enquadrado nas estruturas políticas da juventude do partido no poder em Angola, há já cerca de 50 anos consecutivos.

Depois do que estudei e aprendi, também graças a um intenso esforço de autodidactismo, já carrego nos ombros, felizmente, algumas quatro décadas de vida literária, de escrita, de publicações de textos e livros que me permitem falar de uma certa experiência literária que acarreto na condição de eterno aprendiz de escritor, como eu mesmo, humildemente, me considero.

Tenho alguma pouca experiência que me permite uma visão da nossa terra, principalmente no que toca o abordar de questões que têm a ver com a literatura na nossa sociedade, que é o tema para o qual fomos aqui solicitados.

Entretanto, começo por dar algumas informações que considero deveras importantes para vosso governo e para mais facilmente compreenderem o fenómeno literário dentro da sociedade angolana.

Como ponto prévio, gostaria de dizer que ontem mesmo, num dos corredores deste evento que é o X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, em entrevista para a imprensa local, um jornalista começou por questionar-me querendo saber como é que a literatura em Angola, hoje, contribui para o desenvolvimento da nossa sociedade. Confesso que fiquei quase entalado entre o fio de um facão de dois gumes e uma muito escura parede, e num beco aparentemente sem saída. Digo que,

em razão da verdade, levei quase dois minutos em silêncio, mas a pensar na resposta. Como é que hoje a literatura angolana contribui para o desenvolvimento da sociedade de uma maneira geral?

Ocorreu-me dizer que hoje, ela – a literatura –, não pode contribuir de maneira nenhuma. E se contribui..., contribui com «nada» ou «quase nada».

Explico-me por que é que assim penso: Angola nasceu em 11 de Novembro de 1975 enquanto República, com uma população sedenta de liberdade num território geograficamente muito bem delimitado e com um governo cuja legitimação advinha de uma longa e dura luta de libertação contra o colonialismo português, e nós, os escritores angolanos, com muito orgulho, não nos cansamos de dizer que a primeira instituição angolana fundada depois da proclamação da independência em Angola foi a União dos Escritores Angolanos.

A União dos Escritores foi fundada no dia 10 de Dezembro daquele ano histórico para todos os angolanos. Mas não surge do nada, pois havia todo um passado literário que vinha já fervilhando no seio de alguns dos nossos nacionalistas desde os idos tempos dos movimentos literários, ainda na época colonial em Angola e mesmo da Casa do Estudantes do Império em Lisboa, tempos que passaram, com a luta de libertação nacional, pelos movimentos da guerrilha, pelas ações na clandestinidade, até ao alcance da independência.

Consta que todos ou quase todos os grandes nomes do movimento de libertação nacional estavam, mais ou menos, ligados à literatura, ao cinema, à música ao teatro e às artes de maneira geral.

Assim sendo, logo após a proclamação da independência, a preocupação primeira destes «revolucionários» foi fundar uma organização de escritores que desse vazão aos desígnios literário-espirituais do povo angolano. Então, o primeiro Presidente da República, que era o poeta Agostinho Neto, foi eleito e passou a ser também o primeiro presidente de União dos Escritores Angolanos, facto que fez com que fosse dada uma atenção especial à literatura e aos escritores angolanos filiados da instituição, até porque quase todos tinham estado ou estavam ligados ao processo revolucionário em curso; uns nas prisões da polícia política portuguesa, outros no exílio e outros ainda, no interior de Angola, através das ações clandestinas nas cidades e da guerra de guerrilha nos «maquis».

Reputamos de importância bastante este facto que se tornou histórico para a literatura angolana, e que orgulha todos os escritores membros da União... , porque a partir dele, prestigiou-se a imagem dos escritores na sociedade e o papel do escritor passou a ser muito importante pois se estava a consolidar uma revolução acabada

de triunfar e havia urgência em transformar a mentalidade dos Homens com vista à afirmação do modelo de *Homem Novo*, na senda dos princípios do centralismo democrático assentes na ideologia marxista-leninista que então era moda nalguns contextos geopolíticos de um mundo (re)partido ao meio por dois blocos ideológica e diametralmente opostos.

Como sabeis, provavelmente até melhor do que nós, não é tarefa fácil nem rápida a moldagem de uma consciência. É simplesmente uma missão extremamente complexa e o presidente Neto bem o sabia, por isso mesmo a sua posição era que os escritores tinham papel fundamental a jogar nesse processo que se requeria urgente em razão dos resquícios do colonialismo, e paulatino e progressivo em razão das necessárias cautelas filosóficas.

Agostinho Neto, Maria Eugénia Neto, José Luandino Vieira, Antero de Abreu, Fernando Costa Andrade “Ndunduma”, António Dias Cardoso, António Jacinto, Agostinho Mendes de Carvalho “Wanhenga Xitu”, Artur Pestana “Pepetela”, Manuel Pedro Pacavira, Alcântara Monteiro, Mário Guerra, Henrique Abranches, Henrique Guerra, Manuel Rui Monteiro, Garcia Bires, Roberto de Almeida “Jofre Rocha” e tantos outros – as grandes referências da literatura angolana, cujas acções de consciencialização (das populações de Angola primeiro e, depois, do povo angolano «unido e indivisível») faziam já história desde os anos 40 do século passado –, engajaram-se de corpo e alma no processo revolucionário conduzido pelo Movimento de vanguarda MPLA, depois transformado em Partido do Trabalho, de orientação marxista-leninista.

Sob orientação do Presidente, vigorava um espírito rigoroso em função do projecto e do sistema político de então. Viviam-se momentos de consolidação da revolução em sistema de partido único. Não há como esquecermo-nos disso. Era tudo, ou quase tudo, direccionado e as consciências tinham que ser moldadas de acordo com os princípios do centralismo democrático, implementado com todas as exigências da ditadura do proletariado, aliado, como se nos apresentava, aos camponeses e aos intelectuais revolucionários do momento.

O estado investiu financeiramente e conhecemos um “boom” editorial de invejar. Publicaram-se livros. Centenas de títulos com edições astronómicas. Havia edições de 5000, 10 000 e 15 000 exemplares em primeira edição e até mesmo em reedições. O estado aplicou dinheiro e, mesmo com o alto grau de analfabetismo herdado da época colonial, encetaram-se várias e amplas campanhas de alfabetização que alcançaram toda a dimensão territorial do país. Conseguiram-se incomensuráveis êxitos, mas, infelizmente, apesar dos ganhos dos anos 70 e 80, muitas das

pessoas que beneficiaram daquelas massivas campanhas hoje «analfabetizaram-se» novamente. Uma boa parte das pessoas que aprenderam a ler e a escrever por via destas campanhas de alfabetização, não sabem mais do que escrever o seu nome.

Este é um só motivo para exemplificar que muitas das conquistas alcançadas com muito sangue, suor e lágrimas pelo povo angolano, hoje estão perdidas.

As grandes conquistas da revolução angolana dos anos 70 e princípios de 80, principalmente as conquistas na esfera social – na educação, na saúde, habitação e transportes – esfumaram-se.

Os livros, por exemplo, eram acessíveis e, para toda gente. Os livros eram subvencionados pelo Estado e acontecia que até as gentes não letradas compravam e guardavam livros dizendo que o faziam na esperança de que, anos mais tarde, seus netos e bisnetos os poderiam ler. E, não raras vezes, os livros eram mesmo adquiridos com o simples objectivo de servirem como suporte para a transportação de variadíssimos documentos e fotocópias de documentos entre as suas páginas.

Na verdade, hoje, em Angola, os escritores, por variadíssimas razões que pensamos não caberem no âmbito deste (con)texto, encontram-se mais ou menos desprestigiados. Perderam o prestígio social que ostentavam em anos que já lá vão.

A sociedade desprestigiou toda uma gama de intelectuais com a implementação de uma economia de mercado, dia após dia mais selvagem. Lê-se cada vez menos. Acentuaram-se as consciências do «meu» e do «teu», as pessoas, intensa e exageradamente, individualizam-se cada vez mais. As mesmas pessoas tornam-se cada vez menos solidárias. Perderam-se valores e princípios éticos e morais. Em consequência, vimos ser implementada uma estética desnorteada, pobre e até mesmo com indícios de uma galopante miséria rumo ao fundo de um inimaginável “poço sem fundo”.

A condição social dos angolanos deteriorou-se e, entre comprar o pão para a família e comprar livros, cujos preços requerem os olhos da cara, obviamente, os pobres pais das crianças e dos jovens, que são os potenciais leitores dos escritores angolanos, optam (naturalmente, claro!), pela compra do que comer, diante da incompreensível e inconcebível vida material dos nossos dias.

Os livros para crianças e jovens são muito mais caros do que os livros para os adultos. E, sendo assim, não há como as crianças lerem e serem educadas ética e esteticamente.

– Como vão ganhar e consolidar o gosto pelos livros e os hábitos de leitura se a condição social dos progenitores se deteriora dia após dia, impedidos que estão de adquirir os livros nas já «falidas» livrarias do país, ali onde ainda resistem?

Finalmente, põe-se a questão do livro escolar que, com grandes sacrifícios, os

progenitores que, admiravelmente, ainda se assumem encarregados de educação, têm que adquirir para os seus educandos e que, não raras vezes, só conseguem fazê-lo recorrendo aos mercados paralelos.

Finalmente mesmo e, em conclusão, não havendo leitores para os escritores cujos livros, por mil e muitos motivos, deixaram de ter clientes, como poderemos falar, actualmente, de um suposto contributo da literatura no desenvolvimento da sociedade angolana?



3º TEMA

VOZES FEMININAS na Literatura Cabo-verdiana – Insularidade e Universalidade

1. INÊS BARATA RAPOSO | **Nossas Senhoras de tudo**
2. INOCÊNCIA MATA (online) | **“Vozes femininas na Literatura”**
3. SHEILA KHAN | **Dina Salústio, voz e partilhas entrelugares**



X ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Conferencistas do 3.º tema

VOZES FEMININAS NA LITERATURA CABO-VERDIANA

**– INSULARIDADE E
UNIVERSALIDADE**

EM CIMA:

Da esquerda para a direita,

Inês Barata Raposo, Inocência Mata e Sheila Khan



NOSSAS SENHORAS DE TUDO

INÊS BARATA RAPOSO

Começamos com uma confissão. Quando soube o tema que me seria atribuído nesta mesa – Vozes Femininas na Literatura – o primeiro impulso foi pensar que, desse por onde desse, não haveria de começar pelo livro *Um Quarto Só Seu*. Mas não terá resultado.

A referência ao livro de Virgínia Woolf é um daqueles lugares-comuns raros. Raros porque não vazios. Afinal, trata-se de uma leitura que faz parte, não só do meu caminho, mas, acredito, também do de muitas mulheres que, como eu, a partir de certa altura, começaram a olhar para a literatura além do prazer da leitura. Refiro-me, claro, ao momento em que olhamos para os livros e começamos a ver neles refletidas possibilidades, ambições, sementes que também nós queremos lançar à terra.

É natural que procuremos ecos nas palavras dos outros, das outras. Acontece, porém, que nem sempre o caminho é linear. Vamos de eco em eco, em busca de um reflexo que seja só nosso, e tudo o que encontramos são vozes que não reverberam em nós. Aconteceu comigo, na era das primeiras descobertas literárias, navegar apenas entre livros ditos neutros, os que apareciam nas compilações de “melhores” da década, do século, de sempre. Os primeiros a sair das mãos de bibliotecários e livreiros bem-intencionados. Os que vinham de oferta na compra de oito iogurtes líquidos. Todos esses livros “neutros, acessíveis, apetecíveis” que me saciavam no começo haviam sido escritos por homens.

À dieta de neutros masculinos, seguiu-se o banquete feminista. Romances,

biografias, ensaios, a única regra era haverem sido escritos por mulheres. E aí, nessa espécie de festim feminista da adolescência tardia, aparece *Um Quarto Só Seu*. Eu, uma leitura voraz, e dois momentos eureka: por um lado, a identificação, o "sim, é mesmo isto que eu sinto", a fórmula que se apresentava simples (arranjar um quarto, ganhar um salário, matar o anjo da casa); por outro lado, a vertigem da passagem do tempo, a suspeita de que pouco mudara num século, a estranheza do reconhecimento mútuo quatro ondas de feminismo depois de o livro ter sido escrito. Em 2009, eu era outra mulher, de outro país e, ao mesmo tempo, era Virgínia em 1929. Aqui a questão do tempo não é de somenos.

Demos um salto da Inglaterra pós-vitoriana para o Portugal de final do século. Em 1990, uma jovem poetisa dava os primeiros da carreira literária com um livro chamado *Minha Senhora de Quê*. No poema que dá título à obra, Ana Luísa Amaral, cuja morte, em agosto de 2022, ainda lamentamos, enceta um diálogo-homenagem com o poema "Minha Senhora de Mim"² (1971), de Maria Teresa Horta. O resultado é, pois, um quase estado da arte dos "eus" literários femininos à época.

Anos mais tarde, numa qualquer leitura desgovernada, a descoberta do verso "dona de nada, senhora nem de mim" assenta-me como uma luva. Sobretudo pela evolução que parece anunciar em relação à "senhora de mim" da Maria Teresa Horta. Encontrava ali uma promessa: um caminho que estava a ser feito e a passagem de uma tocha. Muitas vezes regresssei ao poema, imaginando uma terceira vida do texto com um "Minha Senhora de Tudo" oferecido assim, numa bandeja de prata, para a minha geração fruir. De ressaltar aqui que pertencço à geração que cresceu embalada pela boa-nova de que, por fim, nós, mulheres, tínhamos reunidas as condições para ter tudo o que nos aprouvesse. A luta estava ganha, os frutos da igualdade e da sororidade estavam prontos a colher. Porém, nem esta boa dose de otimismo reparou o mundo.

A profecia como a imaginei – de um quarto que seja meu, para senhora de mim, para senhora de quê, para senhora do tudo – ficou aquém nos últimos 30 anos. E é por essa razão que, em 2022, ainda nos reunimos em painéis compostos apenas por mulheres para refletir sobre temas como as "Vozes Femininas na Literatura".

Não são comunicações fáceis ou evidentes para todos e todas. Porque não posso senão falar de mim e, piscando de novo o olho ao lado confessional da literatura,

¹ Primeira edição, 1 de maio, 1990.

² Poema que dá o nome a *Minha Senhora de Mim*, o nono livro de poesia de Maria Teresa Horta, foi editado em abril de 1971 pela Dom Quixote, na coleção «Cadernos de Poesia».

impõe-se uma confiança: esmiuçar este tema em busca de certeza é caminhar em direção a uma encruzilhada. Invariavelmente, encontro-me entre a espada e a parede.

À direita, uma *espada* de materialização óbvia, com a qual apetece dilacerar expressões como "vozes femininas", "literatura feminina", "escritoras mulheres", uma vez que soam sempre a subcategorias, pressupondo a sua existência em relação a um universo maior: o da grande literatura – masculina, branca, de elite, por defeito em relação ao qual depois se arruma a literatura feita por mulheres. Afinal, quantos homens que escrevem são inquiridos sobre a "condição masculina"? Com quantos artigos ao estilo "10 livros escritos por homens que tem mesmo de ler" nos cruzamos *online*?

À esquerda, a *parede* à qual este tema nos encosta. Trata-se de um muro invisível que podemos associar a todas as barreiras, estratégias, ferramentas a que "de forma mais ou menos subtil" a sociedade recorre com o intuito de silenciar, desincentivar e desvalorizar as mesmas "vozes femininas", seja na literatura, na pintura, na música, ou em qualquer área criativa. Não é um detalhe que ainda hoje tenhamos mulheres a escrever sob pseudónimos masculinos ou a dissimular o próprio nome com recurso a iniciais. Só na história recente conseguimos ir de Irene Lisboa³ a J. K. Rowling.

Apresenta-se assim o dilema mor: querer muito escrever sobre vozes no feminino e não querer nada escrever sobre vozes no feminino.

Todavia, e porque se trata de um tema ao qual frequentemente as conversas de botequim literário vão parar, mergulhemos nele. Duas perguntas-modelo, ouvidas não raras vezes, com as devidas variações: Será que só uma mulher poderia ter escrito *Orgulho e Preconceito*? Fará sentido afirmar que só um homem chegaria a *Guerra e Paz*? Em conversa casual, as respostas a estas perguntas abrem, por norma, a porta a mais perguntas.

Há quem relegue as mulheres para a escrita sobre a vida doméstica, as "pequenas virtudes", as emoções. Se assim fosse, onde encaixaríamos obras como *Minha Antonia*, de Willa Cather; *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie; *Os Cisnes Selvagens*, de Jung Chang; *Vozes de Chernobil*, de Svetlana Alexievich. Nas páginas escritas por estas mulheres, entre tantas outras, habitam temas como a guerra, a emigração, a morte, a destruição, o caos, o poder.

Na trincheira oposta, encontramos o argumento de que a pena masculina prefere

³ Irene Lisboa usou também os pseudónimos de João Falco, Manuel Soares e Maria Moira em alguns dos seus livros ou artigos de opinião.

os grandes temas de literatura – a guerra, a geopolítica, a História. Um olhar atento a obras como *O Que Maisie Sabia*, de Henry James, ou a saga *A Minha Luta*, de Karl Ove Knausgård, que exploram o campo das relações, da esfera doméstica e da vida familiar com mestria e sensibilidade, deita por terra este raciocínio.

Num mundo em que fossemos já "nossas senhoras *de tudo*", estas questões não se colocariam. Estaríamos a viver numa utopia em que a obra transcendesse sempre o binómio homem/mulher, em que a história fosse sempre maior do que a pessoa que a escreveu. Que mais é escrever se não habitar várias vidas? No processo de criação literária, a maior liberdade está na possibilidade de qualquer um ou uma poder encarnar, por umas horas por dia, diferentes personagens: homens, mulheres, deuses, animais, objetos, o que o livro pedir. Gustave Flaubert foi Emma (*Madame Bovary, c'est moi*); Marguerite Yourcenar foi um imperador romano (*Memórias de Adriano*); Ian McEwan deu voz a um feto em gestação (*Numa Casca de Noz*); Ana Margarida de Carvalho apresentou o ponto de vista de uma santa de madeira esculpida num navio (*Não se Pode Morar nos Olhos de Um Gato*). Até onde sabemos, quem escreve é capaz de transcender qualquer encarnação que a história em mãos lhe exija.

Num mundo igualitário e paritário – feminista, portanto – o julgamento seria baseado naquilo que a escritora ou escritor passasse para as páginas pela sua capacidade de levantar o véu da condição humana diante do leitor, jamais pelo nome ou fotografia na contracapa do livro. Quase parece simples, como se esse fosse já o nosso mundo, no qual homens ou mulheres estivessem dependentes apenas do efeito das palavras na página. Contudo, a realidade é outra.

Há um elemento comum na educação literária de mulheres que pensam um dia escrever: a escassez de pares – leia-se mulheres – no cânone, uma certa insularidade, se quisermos. Nas listas de leituras recomendadas, incontornáveis, sagradas, com que nos cruzamos, abundam sugestões bem-intencionadas de livros ditos essenciais. Livros canónicos que são, invariavelmente, escritos por homens. De sublinhar, ainda assim, o trabalho de resistência levado a cabo por escritores e escritoras que, atentos, fazem por manter o equilíbrio e a diversidade a cada recomendação.

Pervertendo esta tradição das leituras sugeridas, olhemos hoje com especial atenção para um livro escrito por uma mulher. Editado em 1983, *How To Suppress Women's Writing*, da norte-americana Joanna Russ, confirma a suspeita generalizada de que se o cânone literário cristalizou no masculino tal é consequência de séculos de misoginia e prevalência do patriarcado. Com mais de 35 anos, o livro terá os seus ângulos cegos (palpáveis, por exemplo, na ausência de interseccionalidade);

contudo, deixa-nos um elenco precioso de ferramentas e estratégias usadas ao longo da História para silenciar, diminuir e censurar a literatura feita por mulheres.

A proibição é talvez a mais antiga e eficaz arma contra a escrita no feminino. Afinal, impedir que as mulheres aprendam na escola é negar-lhes o acesso às ferramentas básicas para escrever. Em paralelo, num contexto em que as mulheres tenham direito à educação, podem emergir na sociedade sistemas que – de forma inconsciente ou não – ignorem ou desvalorizem a escrita de mulheres. Por exemplo, excluindo-as dos círculos, tertúlias e grupos literários. Num registo complementar, a sociedade sempre se empenhou em desencorajar as mulheres, convencendo-as de que seguir uma vocação criativa iria interferir com os seus papéis de filhas, esposas, mães. Um episódio do Estado Novo: a censura terá mesmo dito que a obra da escritora Maria Archer não dignificava em nada a sua "qualidade de senhora".

Ainda assim, perante o que podemos chamar eufemisticamente de "desincentivos" deste género, muitas mulheres foram pondo no papel as suas histórias, sem que, por isso, os argumentos desmoralizantes cessassem. Publicado um livro, uma autora podia ver-se a braços com campanhas de difamação assentes em pilares como: a negação da sua capacidade autoral, insinuando que não eram suas as palavras ou que, a serem, seriam resultado da ajuda de um irmão, marido, pai, homem. Elizabeth Barrett Browning e Virgínia Woolf viram a respetiva autoria ser posta em causa por rumores de que havia mão dos maridos – Robert e Leonard, respetivamente – nas suas obras. O mesmo para as Brontë, mas em relação ao irmão, Branwell.

Também o conteúdo do que as mulheres dão à estampa tem vindo a ser sistematicamente posto em causa. Ora o livro não devia ter sido escrito, por ser demasiado político, sexual, feminista – como aconteceu com as Três Marias, Judith Teixeira, entre outras. Ora não havia nada de interessante no livro, por serem temas ditos menores ou que apenas diziam respeito ao universo feminino – Sylvia Plath, Florbela Espanca, etc. Não é por acaso que a ideia de que as mulheres escrevem para mulheres e que os homens escrevem para todos ainda hoje prevalece.

Por fim, e porque de facto há mulheres que furam os telhados de vidro e ascendem ao topo, podemos olhar para o que é talvez o instrumento mais subtil neste jogo de silenciamento: a forma como falamos das grandes autoras, fazendo com que as mesmas pareçam uma anomalia entre as mulheres. Habitúamo-nos a ouvir que Clarice Lispector ou Agustina Bessa-Luís não são como as outras, são génios supra-género, supra-humanos, para lá de meras mulheres. Convencem-nos que *elas* são muito poucas e em tudo diferentes de *nós*.

A verdade é que, apesar das proibições, coações e desmoralizações, as mulheres sempre contaram histórias e encontraram formas de escrever. Se hoje existem mesas subordinadas ao tema "Vozes Femininas na Literatura" é porque geração atrás de geração as mulheres (e seus aliados) resistiram ao silenciamento.

Terminemos, por isso, com uma boa-nova: o cânone tem vindo a ser dessacralizado, resultado de esforços cirúrgicos e perseverantes de escritores, leitores e profissionais do livro.

Cabe a cada um de nós continuar esse trabalho de escuta e multiplicação de vozes, sejam de homens, mulheres ou pessoas não-binárias. Ir além do género, cruzar geografias, origens, idades. Na literatura há espaço para todos. E, se quisermos assumir que cada voz é uma ilha, cabe à literatura, na sua universalidade, assumir-se como o maior dos arquipélagos.



A GERAÇÃO DA MULHER QUE COMEÇA A ESCREVER REDIMENSIONA O SEU PAPEL NO MUNDO

INOCÊNCIA MATA
(Online - integrado no painel
“Vozes femininas na Literatura”)

Boa tarde,

Gravo este vídeo por solicitação do Dr. Rui Lourido, que me pede uma intervenção em 10 minutos sobre as vozes femininas da literatura, insularidade e universalidade.

Direi desde já que não vou falar da insularidade, nem sei se vou conseguir falar da universalidade.

Mas, antes de começar, gostaria de cumprimentar o público, já que não posso saber quem me estará a ouvir, mas cumprimento duas pessoas, o Dr. Vítor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA, e o Dr. Rui Lourido. E cumprimento as companheiras desta mesa, a Dina Salústio, a Sheila Khan e a Vera Duarte, minhas amigas, e a Inês Barata Raposo, com quem tenho o prazer de partilhar esta mesa.

Desde o século XIX até aos anos 70 (do século XX), a Mulher esteve sempre presente. A Mulher foi o elemento matricial tanto da construção do projeto estético libertário dos sistemas literários, quanto da construção – , e estou a pensar, por exemplo, em Tomás Vieira da Cruz –, quanto da construção da ideologia estética, do encontro de culturas, da portugalidade na sua vertente de multirracialidade, e a poesia de Tomás Vieira da Cruz, conhecido como o poeta da “musa mulata”, e na sua poesia “Quissanje”, “Tatuagem”, “Cazumbi”, e sujeito poético, chame-se Luena, Buzi, N’Gola ou apenas Africana, Negra, Mulata, filha de soba, neta de soba, filha de branco, filha de Calaári, não importa, a Mulher funciona como

elemento de construção tanto do ultranacionalismo imperial português como da imagética mítica de uma África a descobrir.

Mas a Mulher também foi um elemento matricial na construção da ideia da nação, da estética da nacionalidade, nas suas realizações – a angolanidade, a cabo-verdianidade, a moçambicanidade, a são-tomensidade e a pan-africanidade, que é o constructo duplo da negritude. E, na verdade, a Mulher é o sujeito privilegiado na denúncia, não é sequer como um veículo da denúncia da condição da conquista da independência.

A geração da Mulher que começa a escrever redimensionou o seu papel na dinâmica de um mundo que se pretendia diferente e mais justo.

Esta nova perspetiva é também bem evidente nos títulos que também começam a surgir e que, a priori, condicionam a disposição para a leitura e o horizonte das expectativas da instância leitoral do leitor, porque, na verdade, os títulos são como um capítulo de uma obra.

Em 1985, na verdade 1985 é o ano em que aconteceu o que eu chamo a pedrada no charco, com a publicação em Luanda de dois livrinhos, *Sabores, Odores & Sonho*, de Ana de Santana, e *Ritos de Passagem*¹, de Paula Tavares.

De 1985 a 2006, e porquê 2006? Porque 2006 é precisamente é o ano em que Conceição Lima publicou o seu livro, aquilo que eu considero um livro disruptivo, *A Dolorosa Raiz do Micondó*, visto que ele não parece enquadrar-se nessa gaveta de respiração própria de mulher, ou escrita feminina. Mas é nessa década que vemos surgir títulos como *O Lago da Lua*², ou *Dizes-me coisas amargas como os frutos*³, que indiciam, na minha perspetiva, uma viragem interna no tom, na dicção, na perceção do mundo que conduzem, à implosão de um modo como as literaturas africanas conjugavam o verbo de questões sociais. Estes títulos, na verdade, dizem-nos de uma mudança, não tão subtil assim, como uma vez escrevi. Esses títulos vão além da fisiologia dos textos e essa mudança é uma mudança de perspetiva porque deixa de ser uma perspetiva objetiva, histórica, social, coletivizante para ser uma perspetiva subjetiva, vivencial e intimista, que é assumida logo na enunciação primordial, e que reivindica um itinerário individual, que reivindica uma perceção dos lugares subjetivos da vida, das faces esconsas do ser. Uma perceção de teor assumidamente sensorial e emocional que evidencia um caminho para a complexidade do indivíduo,

¹ Ana Paula Tavares

² Ana Paula Tavares

³ Ana Paula Tavares

que não é feito do Indivíduo, da Mulher, que não é apenas a Mãe, não é apenas a Companheira, não é apenas a Guerrilheira. É uma Mulher feita de corpo e de espírito, de sentimento e razão, como podemos ver, por exemplo, no poema, na altura inédito (não terei tempo para falar disso) no poema inédito na sua semântica sobre o feminino, o poema de Paula Tavares, publicado em 1985, no seu livro *Ritos de Passagem*, ou um outro poema, de Vera Duarte, “Momento 12, século XX, Um dia incerto num tempo de mágoas”. Neste poema de Vera Duarte, de 1993, subentende-se uma terrível necessidade de purificação para viver no status de universos proibidos. No poema anterior, de Paula Tavares, de 1984, quase uma década antes do poema de Vera Duarte (1993), a Mulher recusa subserviência a formas sociais para os quais foi formatada de forma dolorosa, como nos dizem os versos presentes no poema “Dessossaste-me...” e consciente do processo de desossamento, da fragmentação do seu corpo, do despojamento dos seus sonhos, ela intenta recompor-se, ganhando assim uma dimensão própria e a sua individualidade. Por isso diz: “Hoje não faço aquilo que esperam que eu faça. Eu vou para o Sul, saltar o cercado”.

Eu podia continuar convocando outras poetisas, mas quero falar, muito rapidamente, para terminar, porque o tempo urge, quero falar da narrativa.

A narrativa também participa nesse momento, nesse movimento de querer transformar através da palavra as estruturas mentais, tematizando tópicos relacionados com a condição feminina. Assim como Paula Tavares é, na minha perspetiva, a emblemática poetisa que traz para a cena literária tópicos “inconvenientes” relacionados com a individualidade feminina, a sua sexualidade, os seus desejos, também Paulina Chiziane, em Moçambique, e Dina Salústio, em Cabo Verde, nomeiam os valores culturais tradicionais que afetam as potencialidades da Mulher e os meandros da condição feminina. E são muitos, desde a esterilidade, à prole, à gravidez precoce, ao adultério, ou melhor, ao anátema do adultério no feminino, à violação, enfim...

Embora pudesse ser muito produtivo, não terei tempo para fazer isso, ou seja, adentrar, falar de alguns aspetos, tanto de *A Louca de Serrano*⁴, que é um romance maravilhoso, quanto de *Niketche*⁵, que é um romance muito, muito incómodo, tanto para as mulheres quanto para os homens.

Mas quero referir uma questão – a perceção que existe de que a narrativa é mais conciliadora do que a poesia na visão tradicional da Mulher pela aparente estratégia de aceitação dos deveres e solidariedades.

⁴ *A Louca de Serrano*, Dina Salústio, 1998, Spleen Edições e autora.

⁵ *Niketche, Uma História de Poligamia*, Paulina Chiziane, 2016, Editora Caminho.

Ora, na minha perspectiva, a narrativa desconstrói totalmente esses lugares cativos pela forma, pela perspectiva analítica e desmistificadora e até pela funcionalidade da própria narrativa. Contemporaneamente, essas vozes autorais, poéticas e narrativas, também pugnam pela libertação como outrora fizeram. Só que esta libertação é uma libertação do corpo e da alma através de uma catarse emocional, ideológica, do sujeito. Esse sujeito poético que se transforma em ator, nós vemos que a partir dos anos 80 as vozes da poesia são femininas. Ninguém fala por elas – minha Mãe, todas as Mães negras cujos filhos partiram, as raparigas das docas – não, são elas, são as vozes femininas, do feminino e no feminino.

Esses sujeitos poéticos, esses sujeitos narrativos, transformam-se em atores que, enquanto seres sociais, vivem no espartilho da sua condição biossocial e começam a libertar-se pelo reconhecimento das contradições interiores e das contradições sociais internas.

Por isso, os sujeitos da enunciação, afinal o alter ego das autoras, não se constroem em expor a sua condição, a dor da sua condição feminina, uma dor que já não é infrutífera porque se trata de uma dor epifânica, a dor da autoconsciência que constrói um sentido individual numa progressão consciencializadora do eu.

Muito obrigada.



VOZES FEMININAS NA LITERATURA – INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE: DINA SALÚSTIO, VOZ E PARTILHAS ENTRELUGARES

SHEILA KHAN

A literatura acaba, sempre de um modo geral ou de um modo mais restrito, acaba sempre por escolher a sociedade, porque senão a pessoa não vai ter o que escrever.
(Salústio, 2018:68)

Introdução. Pensar o social a partir da literatura

Este texto é o resultado da minha presença no X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, a convite da UCCLA, e que teve lugar na Cidade da Praia, em Cabo Verde, entre os dias 6 e 8 de outubro de 2022. Reunidas várias vozes, experiências, histórias, narrativas e gerações em torno do tema central, *Insularidade e Universalidade na Literatura*, fui convidada para pensar, em conjunto com outros convidados reunidos num painel, o papel das vozes femininas no tempo desta ideia de insularidade e de universalidade. Desde logo, abri o meu espaço de reflexão para uma convicção que, de alguma forma, se ancora à minha formação académica. Sou socióloga e uma leitora apaixonada pela literatura, quer de natureza ficcional, quer ensaística, percorrendo o prazer de ler outras formas de arte, como a poesia, a história, a antropologia e a arte. Desde tenra idade, aprendi com os meus progenitores, pilares de uma primeira socialização, que, para perceber o local é preciso estender o nosso pensamento e abraçar outras dimensões humanas. Isto é, aquilo que no meu lar parecia ser uma gramática humana insular, não era senão o resultado das influências externas sociais, económicas, históricas e culturais que influenciavam e estavam bem presentes nas várias decisões de organização doméstica. Anos mais tarde, aluna da licenciatura de Sociologia das Organizações, fui absorvendo de uma forma mais sistematizada todo o cortejo de teorias e de metodologias sobre como ver

a sociedade no seu todo, e como esta só pode ser apreendida no entendimento de a captarmos como um organismo vivo, cujas várias partes constituintes são elementos que dialogam entre si, compondo um puzzle complexo e, no entanto, interativo. A intuição e a convicção de que a literatura é uma parte integrante do social emergiu em mim rapidamente a partir de uma educação muito vocacionada para a importância dos contextos plurais por detrás das manifestações humanas da sociedade onde cresci e ainda vivo, a sociedade portuguesa. Com as vozes que foram compondo o meu lugar de entender a diversidade do mundo humano, sempre procurei perceber o motivo que estimulava a escrita de um poema, de um romance, quem era o(a) escritor(a); por que é que aquele texto era escrito, descrito e desconstruído de uma forma específica; como entender que as personagens e narrativas destes textos eram claramente espelho de uma determinada realidade.

Hoje, é minha assunção que a literatura pensa o social e é uma parte incontornável e constituinte de uma vivência a que a humanidade recorre para poder construir, dignificar e preservar os arquivos das experiências, emoções e sonhos que homens, mulheres e crianças vão partilhando entre si. Um erro que me parece possível de corrigir é a intenção de colocar a literatura num pedestal, concedendo-lhe assim uma formulação assombrosa e que só a alguns pertence. Assumir e defender esse posicionamento é errado e perigoso. A literatura é a voz vivida, a emoção sentida, os silêncios amordaçados, as desigualdades socio-históricas sentidas, a perda, a solidão, a revolta, a esperança e a força que atingem o âmago da nossa alma. A literatura é, entre outras luzes emitidas, um farol que assenta os seus pilares nas raízes e nas sementes da continuidade histórica da humanidade. Compreender este propósito e seguir os seus meandros, múltiplos e multifacetados, é erguer a herança cultural escrita a um estatuto não apenas de um dever de memória, mas um compromisso social e um pacto de solidariedade perante os ‘espaços em branco’ da experiência humana.

Sirvo-me desta longa introdução para validar e contextualizar a minha leitura de Dina Salústio e de um dos seus mais reconhecidos livros (Gomes, 2013; Tavares, 2014), *Mornas Eram as Noites* (1994). Com rigor, a própria autora comenta, quando convidada a pensar a relação entre escrita e cidadania, o seguinte:

“Eu acho que nós somos obrigados a praticar a cidadania e a dar um voto de gratidão à terra que nos viu nascer, à terra que nos dá orgulho, à terra que nos dá tudo.

Escrevemos crónicas ou contos, ou damos entrevistas, e tudo isto é inspirado pelo que nos rodeia: as pessoas que nos sensibilizam, que nos emocionam. Isso é o que nos

faz escrever. Portanto, eu penso que eu tenho essa ligação muito forte, e eu penso que qualquer escritor, em alguns momentos, tem essa ligação e procura refletir sobre essa ligação com gratidão (...)” (Salústio, 2018: 63).

Quando o local abraça o universal. O encontro entre emoções e gerações

Dina Salústio não requer apresentações. Porém, a sua figura como cidadã e escritora, para além da sua pertença cultural e histórica a Cabo Verde (Ribeiro e Jorge, 2011), estreou, com mérito e fulgor, outras latitudes geopolíticas e locais (Salgado, 2021; Paz, 2016; Tavares, 2014). No meu entender, o seu estatuto de escritora não se resume a um rótulo de literatura de expressão e escrita femininas (Leite *et al.*, 2018a; Leite *et al.*, 2018b). Os universos sociais que a autora vai analisando, mapeando e desconstruindo, a par de uma vigilante escrita de cada personagem embebida nos seus contextos mais íntimos, não promovem fechamentos e tipologias específicas. Pelo contrário, a sua visão ficcional e contista convida os leitores a uma viagem de pensamento e de reflexão que podem abarcar aspetos de ordem sociológica, identitária e cultural, como questões relacionadas com violência de género, solidão, dor, negação, rebeldia e inconformismo, resistência e poder, fenómenos que permeiam e acontecem também em outras realidades (Brito e Lima, 2017). Certamente, um estudo mais atento deste argumento ajuda-nos a recusar tal fechamento e a sair para fora de ‘caixas’ que, perigosamente, rotulam manifestações e produções de cariz literário que merecem uma visão mais ampla e, por conseguinte, interdisciplinar. Não significa com isto dizer que não há uma visão e uma intenção cuidadas de olhar para dentro do universo das vivências femininas; porém o labor ficcional e contista em Dina Salústio eleva o seu trabalho para patamares e parâmetros que podem ser, também, pensados como objetos de estudo da sociologia da família, da antropologia cultural, da psicologia social, apenas para indicar alguns exemplos. Na sua obra, é possível sentir o pulsar de uma escrita que não quer ser rastejante, pelo contrário, é um compromisso que nasce pela mão de uma cidadania atenta aos tempos dos outros. Nesse sentido, não será abusivo dizer que, através dos seus livros, a autora abre as nossas leituras para um posicionamento em que diálogo, interação, partilha e debate dos temas por ela estudados são objetos de vida, de estudo e de trabalho, quer num contexto Norte Global, quer num cenário Sul Global. Dina Salústio transforma a sua literatura insular num arquivo de narrativas vividas e sentidas como uma ecologia de saberes e de emoções que a todos pertencem. Com precisão, essa

cidadania ativa é uma das suas várias contribuições, não apenas local, mas, também, universal e geracional (Gomes, 2021). A sua resistência é clara, partindo das vozes das suas personagens, assumindo um sentido de reparação e de dignificação, seja das narrativas de vida e identidade insulares, seja da possibilidade daquelas narrativas serem absorvidas e consentidas em contextos outros e mais amplos. É nesse sentido que acredito que o encontro entre o insular e o universal não é apenas apanágio das literaturas, mas, claramente, de escritores como Dina Salústio que, como ela própria observa:

“(...) antes devo dizer que a escrita completa a minha paixão pela leitura. É como um jogo de construção, ou uma viagem a lugares, personagens, épocas e temas, um pouco refazendo caminhos que outros percorreram. (...), permite-me reforçar o meu papel de cidadã interveniente já que, juntamente com outras vozes, contribuo para a defesa e causas em prol dos valores caros à sociedade. Quanto a mim, serão esses os momentos menos egoístas da escrita.” (Salústio, 2018: 68-69).

No momento da apresentação da minha reflexão, no X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, e no âmbito da minha atividade como professora universitária da disciplina de Culturas Africanas Comparadas, partilhei a memória de uma relação entre uma aluna minha e o trabalho por ela apresentado sobre *Mornas Eram as Noites*. Pensei neste caso, que me sensibilizou, e que vou a seguir descrever. Durante a leitura e análise da obra em questão, a aluna mostrou logo uma empatia imediata com os vários contos que compõem o livro. Com o decorrer das aulas, fomos contextualizando os contos assim como os enredos e as personagens. De uma forma inusitada, a aluna demonstrou um grande interesse em preparar um trabalho a ser submetido como elemento de avaliação. O esforço e empenho revelaram-se surpreendentes, por um lado, e de excelência analítica, por outro. Observei, como docente da cadeira, como a literatura cabo-verdiana, com toda a insularidade que lhe é característica, foi incorporada na experiência de jovens estudantes que nenhuma relação tinham com África e muito menos com as literaturas africanas de expressão portuguesa. As memórias e as vivências incrustadas nas vozes de cada personagem foram o espelho de outras experiências de vida, de outros lugares, sem criarem muros e cisões nestes jovens alunos que vinham aprofundando e integrando o conhecimento das culturas africanas dentro dos seus contextos pessoais, sociais e culturais. Decidi trazer para o corpo deste texto este momento que me parece iluminador, fraternal e inteiro de uma vontade de abraçar a multiplicidade que


subjaz o património literário de Dina Salústio. Não será difícil pensar e subscrever a ideia de que há no património insular uma herança de aprendizagens que podem incontestavelmente ser abraçadas pela experiência humana universal.

Uma última nota de pensamento final

Gosto de pensar que a literatura é, simultaneamente, um espaço de reparação histórica e de reconhecimento de culturas, de identidades e de vozes muitas vezes silenciadas e marginalizadas por uma postura hegemónica de uma parte da humanidade. A cidadania que Dina Salústio exerce, e que continua a exercer, pela palavra escrita, é chão e matriz para múltiplas existências, de partilhas por fazer, onde igualdade, fraternidade, resistência e esperança vão fazendo o seu caminho, navegando entre mares e conquistando territórios por explorar. A insularidade é uma nota importante numa sinfonia que se deseja universal, espalhando-se por essa enorme e mágica audácia: reconhecer o Outro como igual na alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brito, G.; Lima, T. M. (2017). “Dina Salústio e a violência de gênero na literatura cabo-verdiana”. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 24, p. 55-69.
- Calafate, Margarida e Jorge, Sílvio Renato (org.) (2011). *Literaturas Insulares – leituras e escritas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe*. Porto: Afrontamento.
- Gomes, Simone C. (2021). “Viagens da literatura cabo-verdiana entre raízes e rizomas, entre árvores e ondas: literatura mundo para uma Pátria mundo”. *Revista Via Atlântica*, 40. 261-296.
- Gomes, Simone C. (2013). “O conto de Dina Salústio: um marco na literatura cabo-verdiana”. *Idioma*, ju/dez, p. 52-70.
- Gomes, Simone C. (2010). “O arquipélago “literopintado”: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde”. *Scripta*, 14(27), 93-103.
- Leite, Ana M., Secco, Carmen T., Falconi, Jessica, Krakowska, e Khan, Sheila (2018a) (orgs.), *Nação e Narrativa Pós-Colonial - IV. Literatura & Cinema. Entrevistas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Leite, Ana M., Secco, Carmen T., Falconi, Jessica, Krakowska, e Khan, Sheila (2018b) (orgs.), *Nação e Narrativa Pós-Colonial - IV. Literatura & Cinema. Ensaios*. Lisboa: Edições Colibri.
- Salústio, Dina (2018). Cabo Verde. Dina Salústio. In Ana Mafalda Leite, Carmen Tindó Secco, Jessica Falconi, Kamila Krakowska e Sheila Khan (orgs.), *Nação e Narrativa Pós-Colonial - IV. Literatura & Cinema. Entrevistas*. Lisboa: Edições Colibri, p. 61-70.
- Paz, D. A. (2016). “Mornas eram as noites’ ou viagem ao redor de Cabo Verde com Dina Salústio”. *Abril – NEPA / UFF*, 8(16), p.65-75.
- Salgado, Maria Teresa (2021). “A insularidade como força motriz na obra de Dina Salústio”. *SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN Faculdade de Formação de Professores da UERJ*, Número 42, p.96-107.
- Tavares, Maria (2014). “Das margens e dos centros: uma leitura d’A Louca de Serrano de Dina Salústio”. In Fábio Maria da Silva (org.), *O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p.67-100.



4^o TEMA
**POLÍTICAS
E TEMÁTICAS
DA LITERATURA
CONTEMPORÂNEA
LUSÓFONA**

1. **ALEXANDRE S. ASSINE (online)**
Reflexão sobre o tema “Políticas e temáticas da literatura contemporânea lusófona”
2. **RICARDO FERREIRA DE ALMEIDA**
Versão alargada da comunicação inserida no tema “Políticas e temáticas da literatura contemporânea lusófona”
3. **DOMÍCIO PROENÇA FILHO (online)**
Reflexão sobre o tema “Políticas e temáticas da literatura contemporânea lusófona”



X ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Conferencistas do 4º tema
POLÍTICAS E TEMÁTICAS
DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA LUSÓFONA

EM CIMA:

Da esquerda para a direita,
Alexandre S. Assine, Ricardo Ferreira de Almeida e Domicio Proença Filho



POLÍTICAS E TEMÁTICAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA LUSÓFONA

ALEXANDRE S. ASSINE

(Online - integrado no painel
“Políticas e temáticas da literatura contemporânea lusófona”)

Saúdo a todos, aos demais membros da mesa de debates e aqueles que nos assistem. Sinto-me um pouco intimidado em fazer estas considerações, frente ao quilate da contribuição literária e intelectual daqueles que aqui se pronunciam também sobre o tema. Sou um escritor estreante e o meu conhecimento da literatura da lusofonia está distante de ser exaustivo. Ainda assim, ciente da dívida que tenho, como escritor, a um bom número de escritores desta língua, de diversas latitudes, arrisco estas colocações, na expectativa de que possam oferecer algo de útil, algum subsídio, ainda que modesto, ou mesmo mínimo, à reflexão dos que me ouvem.

A minha primeira consideração é essa: “periferias de centros existem como realidades do poder”. O poder neste mundo tem muitos direitos, um sem número deles, diríamos, quase todos. Não está entre eles, contudo, o direito à verdade. Digo esta palavra, “verdade”, sem que com ela busque o ensejo à descida metafísica dos céus de algum universal, digo “verdade” como verdade concreta, carnal e humana, sempre local. Em última instância, do local que é o corpo de cada ser vivo. Nessa perspectiva, toda a dita periferia não é senão o centro de si mesma e da sua “verdade”.

Um segundo ponto. Nós, os escritores da lusofonia, escrevemos nessa língua específica, com a sua história, ou histórias, específicas, em português. Esse facto deriva para muitos de nós, inexoravelmente, de um passado imperial, colonial. É uma história sabida, mas é necessário partir desse inescapável, é preciso reconhecer essa violência fundamental – razão pela qual o português, como outras línguas

européias, se disseminou pelo globo, mesmo para reconhecer o que está além da violência.

E o que está além da violência? Nossa língua se enraizou em terras, histórias e corpos tão distintos quanto se é possível ser neste mundo. Nessa língua se é capaz de dizer, com sotaques diversos, com léxico cambiável, com sintaxes divergentes, a “verdade”, que é ser gente em Luanda, no Porto ou aqui, em Campinas. Ela é nossa, intimamente nossa, minha e de tantos outros eus que nem eu suspeito, os quais, muitas vezes, apenas a literatura pode me revelar. Como escritor em português é esta a riqueza que vejo se descortinar para tantos de nós, escritores e leitores, e espero que cada vez mais, dos diálogos literários pelos quais podemos descobrir o outro, não como projeção minha ou alheia, mas em seu rosto que não é o meu, na sua voz que não é a minha – e que também é a minha, o que me abre paradoxalmente a janela para radicais autoridades.

Esse, enfim, é como vejo ser um dos sentidos fundamentais de se ler e escrever nesse idioma, sentido literário, político e, finalmente, humano.

Bem, essas eram as minhas considerações. Agradeço muito a oportunidade desta participação e agradeço novamente e enfaticamente à UCCLA, entidade singular a promover essa partilha das verdades vividas no português.

Muito obrigado.



POLÍTICAS E TEMÁTICAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA LUSÓFONA

RICARDO FERREIRA DE ALMEIDA

Introdução

A minha formação académica leva-me a observar os discursos sobre a arte com os óculos das ciências sociais, ainda que muitas vezes me solicitem uma opinião estritamente literária sobre uma obra. Por defeito profissional, o meu foco dirige-se quase sempre à análise das justificações que presidem à acção social, aos processos de produção de consciência social e sua vinculação a estruturas materiais. Questões como a explicação individual ou colectiva usada como sustentáculo de uma opção artística ou estilo, assim como a construção de um sentido colectivo e de uma cultura de grupo, são meu objecto predilecto de investigação há algum tempo. Neste sentido, olhar especificamente para a narração enquanto processo evocativo implica prestar atenção às múltiplas texturas do fenómeno literário, às práticas sociais produzidas e reproduzidas em seu torno.

Em outros lugares, sustentei a perspectiva de que as correntes estéticas reproduzem um *ethos* emanante de grupos sociais particulares (Ferreira de Almeida, 2021, p. 4), decorrem de processos de socialização que constroem lógicas de acção (Ferreira de Almeida, 2017), mas não é isso que pretendo trazer para este texto. Aqui tentarei dar o meu contributo para o assunto das políticas e temáticas da literatura contemporânea, debatido no XX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa realizado na cidade da Praia, em Cabo Verde, em Outu-

bro de 2022. Desta forma, farei uma pequena circunscricção sociológica sobre o assunto ao que, posteriormente, fornecerei alguma informação sobre a minha vida literária.

Políticas do livro

Falamos de autores e de livros sob o signo de um paradoxo. Embora o nosso tempo seja assinalado pela circulação massiva de textos, provenientes de autores reais, de autores fantasmas, de ferramentas de redacção ou de complicados algoritmos, redigidos com recurso a variados suportes, o livro, objecto com nervuras, lastro e memória, anda distante do leitor. Por economia de espaço, falarei exclusivamente do fenómeno português, traçando uma visão panorâmica sobre a matéria, sem deixar que ela assuma centralidade neste texto.

Os inquéritos sociológicos sobre o fenómeno da leitura conhecem proficiente produção científica nos campos português e estrangeiro das ciências sociais e humanas, tal como emparelham com motivos como a instrução, o lazer e as práticas culturais de ocupação dos tempos livres. Citá-los, ainda que pela rama e no intuito de apontar trabalhos de referência, iria, mais uma vez, desfocar o assunto principal. De qualquer forma, no caso português, assinala-se uma prolongada tendência de carestia de estruturas de formação elementar, vital para a expansão do gosto pela leitura e seus tópicos conexos: se Proença (Proença, 2009) regista taxas de analfabetismo na ordem dos 75% em inícios do século XX e assinala a causa da instrução republicana centrada nos grandes círculos urbanos portugueses, a novel proposta de orçamento de Estado de 2023 para o Ministério da Educação cifra-se na casa dos 6,9 mil milhões de euros destinados ao ensino básico, secundário e administração escolar (cerca de 3% do PIB), conhecendo um corte de 600 milhões de euros face ao ano transacto. Quanto ao Ministério da Cultura, que tutela, entre outros, órgãos como a Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), o seu orçamento fica-se pelos 0,43% do PIB, com um montante global de 760,3 milhões de euros.

Adiciona-se a este panorama de desinvestimento público no ensino e na promoção da leitura o seguinte cenário: “em Portugal, a percentagem da população, com idade entre os 18 e os 64 anos, que afirma ler livros em contexto de lazer situa-se, nos três anos analisados, sempre abaixo dos 50% e apresenta uma tendência de ligeiro decréscimo ao longo desse período. Mais precisamente, desce de 44%, em 2007, para 40%, em 2016” (Lopes, Neves, & Ávila, 2021, p. 18). Reforça esta tendência de quebra

percentual da população leitora de livros impressos, anotada num trabalho produzido pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e que traça um panorama completo do fenómeno cultural no país, o facto de que 61% dos portugueses não leram um só livro no ano de 2021. Este fenómeno explica-se, entre outros pontos, pela fraca socialização para o campo da leitura observada nas classes de idade mais baixas, pois “a maioria dos portugueses raramente ou nunca desfrutou, até aos 15 anos de idade, da leitura de histórias e da oferta de livros por parte da família ou, inclusivamente, de um conjunto de práticas exo-domiciliares como idas a feiras do livro, livrarias ou bibliotecas” (Machado Pais, Magalhães, & Lobo Antunes, 2020, p. 27).

Então, o que é que se lê em Portugal? Em primeiro lugar, sabe-se que a imprensa portuguesa está em declínio nas tiragens e nas receitas (Costa Silva, 2019, p. 95) e em processo de competição ou de transição para o modelo digital. Os usuários de jornais, lidos maioritariamente por homens, idosos e com nível de escolarização básica ou de ensino secundário, ultrapassavam em 2007 os leitores de livros e de revistas (Lopes P., 2011, p. 10) e eram a fonte preferencial de informação da população portuguesa; em 2019, segundo um estudo da *Marktest*, foram quantificados 6,6 milhões de portugueses que “contactaram” (leram ou folhearam) com jornais e revistas (Marktest, 2019).

A imprensa satisfaz uma população com fracos hábitos de leitura (Lima dos Santos, Soares Neves, Lima, & Carvalho, 2007) que compra, em média, 1,3 livros por ano, prática ajustada à realidade da indústria livreira, a registar quebra de receitas há algumas décadas (Soares Neves, Beja, Alves dos Santos, & Santos, 2014). Porém, mau grado este panorama, em 2021, a consultora GfK registou um aumento de perto de 17 pontos percentuais na venda de livros em Portugal, incluindo os livros digitais, em relação ao ano de 2020 (Expresso, 2022). Na mesma ordem, a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) registou, em comunicado de imprensa, que a “venda de livros em Portugal cresceu mais de 35% no primeiro trimestre deste ano, face ao período homólogo de 2021, correspondendo a um encaixe de 34,9 milhões de euros” (Dinheiro Vivo, 2022). Os livros de ficção surgem em terceiro lugar no conjunto das vendas, representaram 28,4% do total e contribuíram em 31,2% para o encaixe financeiro total.

Teatro e dramaturgia

No início do século XX ingressei numa companhia de teatro profissional enquanto artista colaborador na esfera da música. Já na parte final dessa relação, assumi por es-

cassas vezes um papel na peça *Contas Nordestinas*, inspirada na obra de Pires Cabral, *O Diabo Veio Ao Enterro* (Pires Cabral, 2010). Lembro que o fiz por indisponibilidade do actor titular, sem frequentar qualquer tipo de formação e nem sequer ter participado num ensaio: vi, ouvi, fiz, de forma simples, como se procede nos grupos de teatro amador. A experiência foi tão gratificante que, em conjunto com alguns companheiros, decidimos formar uma cooperativa teatral a que demos o nome de *A Trouxa Mouxa*, expressão cunhada por um amigo comum a partir de uma apreciação adversária de que o grupo era displicente, não possuía qualidade nem futuro.

Desde essa altura, *A Trouxa Mouxa* produziu, em 2006, *O Canto do Cisne*, de Anton Tchekov, interpretado a solo por Gilmar Albuquerque e com encenação de Tiago Pires; em 2007, *Artaud e o Seu Duplo*, texto de minha autoria, com Gilmar Albuquerque e Tiago Pires, encenada por Marlene Castro; no mesmo ano de 2007, levamos à cena *É a Vez do Entremez*, a partir de uma compilação de entremezes de Cervantes traduzidos por mim, com Tiago Pires, Marlene Castro, Ricardo Ferreira de Almeida, Gilmar Albuquerque e Hugo Gonzalez, encenado por Tiago Pires com assistência de Diogo Pinto; em 2008, *Não Há Ladrão que Venha por Bem*, de Dario Fo, com Tiago Pires, Marlene Castro, Ricardo Ferreira de Almeida, Fabiana Silva, Ana Liberal e Jorge Azevedo, e encenação de Tiago Pires; em 2010, desenvolveu-se uma parceria com a *Oficina de Teatro de Favaio*, uma estrutura de teatro amador no coração do Douro, e montou-se mais um texto inédito meu, *Eu, Manuel Inácio, Quero ser Santo*, ao que se seguiu, no mesmo ano de 2010, uma tentativa gorada de levantar *A Curva*, de Tankred Dorst; em 2011, em associação com o *Teatro Amador Mondinense*, executou-se *A Arena*, espectáculo original montado a partir de textos de Anton Tchekhov.

A Trouxa Mouxa recebeu 5 000 euros da Secretaria Regional de Cultura do Norte, em 2006, concretizando, até 2012, data da sua extinção oficial, 86 espectáculos repartidos pelo teatro e animação musical. *É a Vez do Entremez* fez 6 espectáculos, realizando 6000 euros, e com as animações de rua, digressão e venda de espectáculos, o lucro comercial foi de cerca de 25 000 euros.

A génese do grupo de teatro *A Tanga*, co-fundado pelo subscritor deste texto, por Angel Fragua e por Tiago Pires, parte do convite do director do Teatro de Vila Real, Rui Araújo, com base no projecto *O Teatro e As Serras - Pólo das Serras do Alvão e Marão*. Importa destacar que sem o apoio incedível da estrutura artística local e dos seus responsáveis, desde a primeira hora, esta aventura teria sido muito mais árdua.

A peça, com encenação colectiva e assistência de Mara Correia, era um original meu intitulado *Cibele Não Mora Aqui*. Foi re-designada como *O Calhau*, contando,

em 2019, com apresentações nos municípios de Amarante, Mesão Frio, Mondim de Basto, Peso da Régua, Ribeira de Pena e Vila Real, onde se fez a estreia, com duas sessões (Baião e Santa Marta de Penaguião dispensaram o espectáculo). Recebeu um financiamento de 22 050 euros, parcela de um total de 100 000 euros destinados pelo Orçamento Participativo, que também subsidiou mais três estruturas de teatro local.

Durante este período, o colectivo preza-se de ter promovido regularmente a inserção de elementos com formação obtida na região, nomeadamente na Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, tal como ter assumido uma posição de compromisso entre a perspectiva comercial e a qualidade do trabalho artístico. Tal reflectiu-se na remuneração do corpo artístico e na gestão criteriosa das verbas. Por fim, importa salientar duas coisas: primeiro, os dois projectos teatrais que se apresentam neste capítulo têm a sua génese nas dinâmicas relacionadas com tipologias de financiamento de pequenos grupos de teatro, assente nas diferentes formas de capital social, cultural e simbólico que possuem e manifestam; segundo, existem muitos mais textos de teatro acabados e a aguardar vida no palco.

Ficção

No campo da ficção, sou autor do romance *Três Dias em Fevereiro*, menção honrosa no Prémio de Revelação Literária promovido pela União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) e a Câmara Municipal de Lisboa, atribuído a novas obras em língua portuguesa. Este não foi o primeiro texto consagrado porque, em 2017, venci o *Prémio Literário Campos Monteiro*, conferido pelo município de Torre de Moncorvo a autores de obras originais, com o romance *Noticiário da Vida de José dos Passos*. Pelo meio, e aproveitando o gosto pelo género, escrevi um texto sobre a vida de São Paulo, o santo, a cidade brasileira de São Paulo e um calafate lisboeta do século XVI chamado Paulo, que viajou para o Brasil no período das navegações ultramarinas. Actualmente redijo um romance sobre a vida de um ciclista. Ambos aguardam publicação, sendo que um deles anda perdido nas mãos de um editor.

Elejo como temáticas a africanidade, a mistura racial, a opressão, o desespero, a memória e o esquecimento, desdobradas na construção da identidade a partir da amálgama étnica, constituinte de um mosaico social que é, desde sempre, motor da civilização, da dinâmica cultural e da transformação. Tenho apreço pela viagem, pela digressão, pela jornada de salvação. Inspiro-me nos autores neo-realistas e na novelística renascentista. Por exemplo, no *Noticiário da Vida de José dos Passos*, não

publicado, cruza a Europa, a África e a América, e cito duas cidades: Paraty, no Brasil, que visitei algumas vezes, e a minha cidade de residência, Vila Real. Descrevo uma longa linhagem de negros e mestiços, escravos e trabalhadores precários como eu, o colonialismo e a opressão sobre o negro. Falo do amor não correspondido e da deriva amorosa que desemboca na perdição, assim como da reconstrução da memória e da acomodação da história pessoal como estratégia emocional para resolução das mágoas da alma.

Em *Três Dias em Fevereiro*, cruza histórias ligadas ao cosmos e ao caos, em movimento agónico e dialéctico permanente. Retomo os temas do esquecimento, do reconhecimento, da vitória sobre a mágoa, da dobragem da infelicidade, da africanidade, com a presença do futebolista Borges, o anjo-pardo, o santo taumaturgo da camisola 14, o mágico, o cão, o campeão, o “tritador de lampiões” (Ferreira de Almeida, 2022, p. 174). Por fim, recorro, por defeito profissional, à citação e à bricolagem a partir das palavras belas de Proust, Dostoievski, Saramago, Cervantes, Gorki e Aquilino.

OBRAS CITADAS

Bourdieu, P. (2006). *A Distinção – crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk.

Bourdieu, P. (2008). *La Reproducion*. Madrid: Editora Popular.

Costa Silva, E. (Agosto de 2019). O futuro da imprensa portuguesa: há lugar para o Estado? *Observatório Online*, 13(3), pp. 95-112. Obtido de <http://dx.doi.org/10.15847/obsOBS13320191401>

Dinheiro Vivo. (Abril de 2022). Venda de livros em Portugal aumentou 35% face a dados de 2021 e preços também subiram. *Dinheiro Vivo*. Obtido em 7 de Novembro de 2022, de <https://www.dinheirovivo.pt/economia/venda-de-livros-em-portugal-aumentou-35-face-a-dados-de-2021-e-precos-tambem-subiram-14812203.html>

Expresso. (2022). Venda de livros em Portugal subiu 16,6% em 2021 face ao ano anterior. *Expresso*. Obtido de <https://expresso.pt/economia/2022-03-25>

Ferreira de Almeida, R. (2017). *Aproximando as partes: constituição de uma sociedade de espetáculo em Portugal e Teatro Amador*. Vila Real: Eras.

Ferreira de Almeida, R. (2021). O Naturalismo como exemplo de uma “sociologia ingénua” - o caso de Abel Botelho. *Actas do XI Congresso Português de Sociologia: Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e populismos num mundo efervescente*, (pp. 1-25). Lisboa.

- Ferreira de Almeida, R. (2022). *Três Dias em Fevereiro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Fundação Belmiro de Azevedo. (Março de 2022). *Portugal gasta menos em Educação do que há 20 anos*. Obtido de Edustat: <https://www.edustat.pt/detalhes-infostat?ID=14>
- GfK. (2020). *Mercado Português Livros*. Obtido de https://www.pnl2027.gov.pt/np4/file/1890/GfK_Mercado_Livros_PT_2020_Covid_upd_Sem.pdf
- Lima dos Santos, M. d., Soares Neves, J., Lima, M. J., & Carvalho, M. (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.
- Lopes, M. A., Neves, J. S., & Ávila, P. (Outubro de 2021). Leitores de livros em Portugal. Uma prática cultural em transformação. *Entreler*(1), pp. 15-25. Obtido de https://pnl2027.gov.pt/np4/file/3150/Entreler_1.pdf
- Lopes, P. (2011). *Hábitos de leitura em Portugal: Uma abordagem transversal-estruturalista de base extensiva*. Obtido de www.bocc.ubi.pt: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-paula-habitos-de-leitura-em-portugal.pdf>
- Machado Pais, J., Magalhães, P., & Lobo Antunes, M. (2020). *Inquérito às práticas culturais dos portugueses*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Instituto Ciências Sociais. Obtido de https://www.ics.ulisboa.pt/sites/ics.ulisboa.pt/files/2022/inquerito_praticas_culturais_2020.pdf
- Marktest. (9 de Julho de 2019). *6,8 milhões de leitores de imprensa*. Obtido de Marktest: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id-2522.aspx>
- OECD. (2022). *Education at a Glance 2022: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing. doi: <https://doi.org/10.1787/19991487>
- Pires Cabral, A. M. (2010). *O Diabo Veio ao Enterro*. Lisboa: Âncora Editora.
- Proença, M. C. (2009). A Instrução. Em M. Rollo, & F. Rosas, *História da Primeira República Portuguesa* (pp. 169-189). Lisboa: Tinta da China.
- Soares Neves, J., Beja, R., Alves dos Santos, J., & Santos, J. A. (2014). *Comércio livreiro em Portugal*. CIES-IUL. Lisboa: APEL.
- Calouste Gulbenkian. Lisboa: Instituto Ciências Sociais. Obtido de https://www.ics.ulisboa.pt/sites/ics.ulisboa.pt/files/2022/inquerito_praticas_culturais_2020.pdf
- Marktest. (9 de Julho de 2019). *6,8 milhões de leitores de imprensa*. Obtido de Marktest: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id-2522.aspx>
- OECD. (2022). *Education at a Glance 2022: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing. doi: <https://doi.org/10.1787/19991487>
- Pires Cabral, A. M. (2010). *O Diabo Veio ao Enterro*. Lisboa: Âncora Editora.
- Proença, M. C. (2009). A Instrução. Em M. Rollo, & F. Rosas, *História da Primeira República Portuguesa* (pp. 169-189). Lisboa: Tinta da China.
- Soares Neves, J., Beja, R., Alves dos Santos, J., & Santos, J. A. (2014). *Comércio livreiro em Portugal*. CIES-IUL. Lisboa: APEL.



DOMÍCIO PROENÇA FILHO

(Online - integrado no painel
“Políticas e temáticas da literatura contemporânea lusófona”)

Prezadas e prezados colegas deste solitário, imperioso e prazeroso ofício de escritor, saudações brasileiras. Eu começo por agradecer em especial a Rui Lourido a distinção do grato convite para participar deste Encontro, oportuno, pertinente, relevante. E não sem razão se realiza pela 10ª vez, numa prova de resiliência, melhor dito, de resistência. E de solidariedade.

Seja-me permitido trazer a este nosso espaço de reflexões algumas brevíssimas considerações, respeitadas o contraditório e os 10 minutos de que disponho.

A arte literária, sabemos todos, luta há algum tempo para manter o seu lugar de centro como produto cultural, intensificada, essa luta, pela superlativação da crise planetária dos tempos pós-pandémicos que vivenciamos.

A literatura – é também matéria consabida – tem uma língua como suporte. A que nos congrega, escritoras e escritores lusófonos, nos insere entre os que desfrutam de uma circunstância especial. Somos representativos de um grupo de nações soberanas, com assento na ONU, que dispõe, como meio de comunicação, de uma língua comum, oficial, em alguns casos de uso geral, ao lado de outras importantes línguas nacionais.

Ressalvada a complexidade da relação entre língua e identidade nacional, essa circunstância histórica tem sido marcada, no meu entender, de aspetos positivos, não sem polémicas. Questões de língua costumam envolver conflitos e paixões. Concordam com isso alguns linguistas de relevância. Se a veiculação da literatura é

feita pela língua portuguesa, a matéria de que o texto literário se faz é estreitamente vinculada à realidade cultural da nação de que o escritor ou a escritora são representativos. O veículo é comum, a matéria é singular, marcada de identidade nacional e, obviamente, por sua natureza, também de universalidade.

O escritor é testemunha do seu tempo, de sua gente, da nação a que pertence. Fala pela cidade, fala pelo país, fala, na profundidade do silêncio do texto, da condição humana, pelo menos até à circunstância da nossa contemporaneidade.

Em tempos pós-pandêmicos e do regurgitar de conflitos bélicos, amplia-se, em relação ao futuro da Humanidade, a densidade da neblina diante do imprevisível.

Entenda-se Nação como uma comunidade estável, constituída voluntária e historicamente por um grupo de indivíduos, com base num vínculo fundado na vontade de quem vive coletivamente e que, traço fundamental, destacado por Fichte¹, “é criadora de uma cultura e de um imaginário particulares”.

O texto literário internaliza dimensões desse duplo espaço. E, mais uma vez, só para destacar o consabido, converte-se em fator de unidade, mobiliza o mútuo conhecimento, aproxima os povos, sobretudo, aproxima os povos. Abre-se ao intercâmbio enriquecedor, facilitado pelo uso de um idioma comum. A essas dimensões culturalmente representativas vincula-se a citada universalidade, que ainda é considerada uma de suas características primordiais. A propósito, não esqueçamos de que a literatura se faz na relação entre o autor, o texto e o leitor, e de que acompanha a dinâmica do processo cultural em que se insere. A literatura acompanha a dinâmica do processo cultural em que se insere. Por isso é mutável, por isso ela tem vários momentos diferenciados ao longo do processo.

A Língua Portuguesa, e vale reiterar, é meio de comunicação de 300 milhões de pessoas, aproximadamente, distribuídas pelos cinco continentes. Só a população do Brasil totaliza um contingente estimado em mais de 212 milhões de indivíduos. A Língua Portuguesa é também uma das seis mais usadas no mundo, é a 7^a ou 8^a em número de usuários. É considerada, nestes tempos de globalização, na classificação de Louis-Jean Calvet², datada de 2002, um idioma “supercentral”. A Língua Portuguesa é considerada um idioma “supercentral”. (Hipercentral, por enquanto, é a língua inglesa.) Na condição de língua oficial de trabalho ou de documentação, ela é utilizada em mais de duas dezenas de organismos multiculturais ou regionais. É uma das línguas oficiais da União Europeia, do Mercosul, da União de Nações

¹ Johann Gottlieb Fichte, filósofo alemão (1762-1814)

² Louis-Jean Calvet (1942-), linguista francês.

Latinas Americanas, da Organização dos Estados Americanos, da União Africana. E, como informa o *Plano de Ação de Brasília para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa*, a consolidação e o reforço dessa presença internacional contribuirão seguramente para a sua crescente afirmação no plano mundial. É alguma coisa que, como sabemos e percebemos, se encontra em processo. Pode-se avaliar o potencial de leitores, mesmo considerados os índices de analfabetismo, ou de analfabetismo absoluto, o que é mais grave.

A língua de que nos valemos, os escritores e escritoras lusófonos e lusófonas, amplia potencialmente a visibilidade da literatura que produzimos. A presença e a visibilidade da língua na cena internacional possibilitam a ampliação gradativa de privilégio político e de oportunidades de negócios. Mas isso ainda diz pouco no que concerne à visibilidade da literatura portuguesa. Eu entendo que cumpre considerar, na direção da sua presença planetária – e por isso eu gostaria de lançar reflexões para os presentes e para os que me ouvem –, cumpre considerar, repito, na direção da sua presença planetária, algumas injunções. Mesmo diante de fatores positivos ou suscetíveis de instâncias de carácter político, há que ser realista. A qualidade das literaturas portuguesa, africana e brasileira é reconhecida por intermédio de obras altamente representativas, em maior ou menor número. Nem falta a consagração das premiações, como o prémio Nobel e o prémio Camões, para citar dois exemplos.

Mas aí vem a triste realidade, ou a realidade mais difícil – pouco se lê em português em países de outros idiomas oficiais. Pelo menos no que se refere aos textos em português brasileiro. Não me arrisco a falar dos países africanos nem de Portugal, em alguns casos já fazendo um esforço muito grande de divulgação. Compensa-nos a presença de traduções.

Arrisco-me a levantar algumas razões que impedem a maior visibilidade e presença internacional da literatura em língua portuguesa.

Começo dizendo que a alta representatividade demográfica e a condição de língua de trabalho ou de documentação são relevantes, sem dúvida, mas não suficientes para assegurar a efetiva afirmação de uma língua no espaço internacional. A relevância internacional de um idioma depende dos rumos do processo cultural e económico da comunidade que o utiliza. A visibilidade da literatura de uma nação soberana e, por extensão, da língua que a tem como suporte, vincula-se à maior ou menor inserção do país na qualificação modernizadora ou pós-modernizadora que há algum tempo é inerente ao processo cultural do planeta.

Prestígio linguístico e prestígio literário vinculam-se a desenvolvimento económico e social. O que parece impactar e mobilizar o interesse geral é a presença

decisiva do país no mercado global, eu diria, melhor do que no mercado global, no grupo restrito dos países desenvolvidos.

Ao fundo, o desenho contemporâneo marcado pelo extraordinário e acelerado progresso da ciência e da tecnologia, agora dimensionadores de um sistema de vasos intercomunicantes caracterizados pela unicidade espacial e temporal. Esses espaços se chamam eletrônica, informática, cibernética, telemática, inteligência artificial. Em paralelo, o espaço virtual, o ciberespaço.

Impactante, a crise de paradigmas nas mais variadas instâncias, em espaços políticos, espaços histórico-sociais, espaços culturais. A ciberliteratura, ou “cyberliterature”, já começa a anunciar mudanças radicais e significativas no fazer literário. Essa é a dinâmica que nós não podemos perder de vista.

Mas nem tudo, a meu ver, nem tudo é ameaçador.

Uma estratégia que me parece pode ser eficaz nas atuais circunstâncias é a maior aproximação entre os países da comunidade lusófona por força dos elementos comuns que histórica e culturalmente nos irmanam, para além das normas paritárias que marcam a nossa utilização do mesmo sistema, o sistema Língua Portuguesa. Pragmaticamente, a intensificação da edição digital da produção literária vem se anunciando como um fator de maior agilização do mercado e universalização do consumidor de literatura. Claro que com a legislação exigida pelos novos rumos da criação, da produção e da comercialização das obras. Simultaneamente, as edições impressas continuarão a atender o público consumidor com volume definido em função das relações entre oferta e procura.

Tenhamos em mente que o texto literário nos possibilita um melhor conhecimento de nós mesmos, o conhecimento do mundo, o conhecimento do Outro com quem convivemos no mundo. E a nossa relação com o Outro e com o mundo. E esse Outro pode ser nosso concidadão, pode ser cidadão de qualquer parte do mundo, com mais proximidade das comunidades com as quais temos em comum traços históricos e culturais, além da comunicação em Língua Portuguesa. Sigamos unidos pela literatura, intensifiquemos o intercâmbio, precisamos nos saber mais e melhor.

Muito obrigado pela atenção e congratulações pela realização deste X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa. Muito obrigado.

5º TEMA

AGORA FALO EU
– Tertúlia Literária:
Testemunho sobre
Eu Escritor.
Processos
de Criação Literária
e de Edição

1. AMADÚ DAFÉ (online)

Triade natural em que se agrupam os escritores

2. TONY TCHEKA

Quando o chão da oralidade pariu o livro

3. UNGULANI BA KA KHOSA

Eu, Escritor, me dispo



X ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Conferencistas do 5º tema

**AGORA FALO EU – TERTÚLIA LITERÁRIA: TESTEMUNHO SOBRE
EU ESCRITOR. PROCESSOS DE CRIAÇÃO LITERÁRIA E DE EDIÇÃO**

EM CIMA:

Da esquerda para a direita,

Amadú Dafě, Tony Tcheka e Ungulani Ba Ka Khosa



TRÍADE NATURAL EM QUE SE AGRUPAM OS ESCRITORES

AMADÚ DAFÉ

Tive a honra de participar no X Encontro de Escritores de Língua Portuguesa que decorreu na Cidade da Praia, subordinado ao tema *Insularidade e Universalidade na Literatura*, com uma intervenção online, curta, mas descontraída, cujo conteúdo essencial, à data em que escrevo este texto, já se encontra arrancado das fauces do tempo e das lembranças. Aquela intervenção, sujeita ao lema *Agora Falo Eu – Tertúlia Literária: Testemunho sobre Eu Escritor*, permitiu-me, com base na minha experiência pessoal, agrupar os processos de escrita e os escritores numa tríade natural composta por aqueles que têm o dom da escrita, aqueles que escrevem por missão (pessoal, social, ou até divina – não é que acredite em missões divinas, porém, creio que a alma de quem cria escrevendo não se sujeita a nenhum limite conceptual) e aqueles que tomam a carreira literária por profissão.

Eu não me incluo, conforme ali deixei claro, nessa tríade. Em primeiro lugar, porque o português, que me serve de ferramenta de criação literária, não é a minha língua materna, não o domino tanto quanto gostaria e, por isso, não me permito considerar dotado, linguisticamente falando. Em segundo lugar, a minha profissão em pouco ou nada se relaciona com a literatura, tecnicamente falando. E, por fim, porque não me considero nenhum sábio ou um exemplo a seguir, moralmente falando, para encarar a escrita como uma missão pessoal ou social capaz de arrastar um contingente de leitores para um céu de ideais e perspectivas como um pégaso de inspiração e misticismo. Pese embora os meus textos fluam das minhas palavras e do meu coração, limitam-se a transmitir as minhas vivências e experiências de modo

direto, nunca na perspectiva de cativar ou de conquistar os meus leitores, mas numa tentativa de consolidar o que na vida vou aprendendo lendo.

É tão verdade que uso a escrita como uma forma de consolidar os meus conhecimentos e as minhas vivências que, a título de exemplo, me atrevo a falar-vos um pouco de um projeto literário sobre o qual me encontro debruçado atualmente. Trata-se de uma empreitada necessária relacionada com o tema ‘religião, narrativas mitológicas africanas e símbolos rituais africanos’. A iniciativa deriva da constatação de que, durante vários séculos, as narrativas mitológicas e criacionistas das tribos africanas, bem como os respetivos símbolos e ícones, foram apagados e/ou reduzidos a uma quase insignificância graças aos processos de islamização e de evangelização conduzidos pelas duas religiões monoteístas, oriundas das culturas orientais, que se expandiram pelo mundo e tomaram por paganismo, idolatria e/ou satanismo todas as práticas religiosas distintas.

No caso da Guiné-Bissau, apesar da descolonização do país, o impacto desse processo de desculturação ainda permanece forte, e tanto assim é que, por exemplo, todas as divindades locais, de todas as tribos, são conhecidas pelo mesmo nome, “Iran”, numa falsa perspectiva de se tratar do mesmo ser sobrenatural, cuja origem, história e característica mágica são totalmente desconhecidas. Desperto para esta idiossincrasia, propus-me navegar nesta ideia de reconstrução das narrativas mitológicas latentes nas tradições e nos ritos das diversas tribos da Guiné-Bissau, com o fito de resgatar as histórias e as características das nossas divindades. Afinal, Cultura é, também, o conjunto de crenças e mitos que mantém unido um povo, identificando-o como tal.

Veja-se, por exemplo, que os dois textos centrais da cultura ocidental são, precisamente, a Bíblia judaico-cristã e o duplo poema épico grego sobre o cerco de Troia: a *Ilíada* e a *Odisseia*. Os dois poemas épicos, cuja autoria é atribuída a Homero, e os textos bíblicos, em particular os do Antigo Testamento, cujos autores, desconhecidos, os crentes consideram terem sido inspirados por Deus, revelam, todos, características mitológicas. Homero acabou por cegar e Deus não pode ser contemplado¹ – é interdito representá-Lo, mas aqueles textos, que chegaram aos nossos dias, comprovam a validade desta forma de resgatar a cultura de um povo escrevendo os seus mitos, as suas lendas, as suas histórias e as suas narrativas, umas mais credíveis que outras.

¹ Êxodo 33:20-23

O que tornou os textos ocidentais tão importantes foi o resultado de uma visão centralizada numa cultura mista e mutável. Esta cultura foi sempre e continua a ser, constantemente, reduzida a escrito, melhorada e aperfeiçoada através de livros, doutrinas e dogmas.

Esta é a tarefa que me disponho a realizar, escrevendo um livro que revele a importância dos mitos na cristalização da cultura de um povo através dos tempos, numa perspetiva que ultrapassasse os símbolos, que superasse as esculturas e estatuetas africanas tratadas como a essência da mundivisão e religiosidade das nossas tribos, coisa que, na minha opinião, não corresponde minimamente à realidade.

Uma parte da obra já se encontra construída; porém, um livro completo não se faz só da imaginação, muito menos de uma inspiração irrefletida, antes requer, isso sim, muita disponibilidade para a investigação, audição, digressão, maturação de ideias e de lógicas e revisão dos textos e enredos. A única forma de ir além dos símbolos – como a raiz do termo grego e latino indica² – representativos dessas narrativas é estar em contacto com os espíritos que neles viveram. Não se pode fazer uma análise externa dos símbolos sem entender que, por trás dos ícones, existem conceitos, ideias, realidades, seres.

O conceito – que é espiritual, que é metafísico, que é ontológico – reflete-se no mundo fenomenal e no mundo material. Quando se reflete nesse mundo material, o conceito é chamado símbolo. Os símbolos caem, os símbolos passam, os símbolos quebram-se, os símbolos esquecem-se; no entanto, o espírito que viveu nos símbolos, de alguma maneira, passa de um lugar para o outro como a água passa de um copo para o outro, e para outro...

Por acaso a água de um copo que se parte perde-se? Se uma jarra de vidro se partisse, desapareceria para sempre a água que nela se encontrasse? Não, simplesmente deixaria de estar contida dentro do recipiente de vidro e iria correndo pelos solos, iria finalmente parar ao mar, transformar-se-ia em nuvem, transformar-se-ia em chuva e, uma vez mais, possivelmente, encheria outro recipiente de alguma outra pessoa que estaria a falar em algum outro tempo, em algum outro lugar, ou serviria para dar de beber a alguém, a um homem ou animal, ou cantaria por entre as pedras “feitas de rio”.

O que é de assinalar neste trabalho que me proponho levar a cabo é a inversão da perspetiva ontológica e a mudança do paradigma epistemológico e literário que me

² A palavra “símbolo” tem sua origem no Latim *symbolum*, que significa “marca, símbolo” que, por sua vez, deriva do grego clássico *symbolon*, “senha, garantia”.

guiou até à data. Até aqui, os meus escritos têm embarcado numa jornada ativista pela denúncia de fenómenos sociais que envolvem crianças exploradas e maltratadas nos vários cantos da Guiné-Bissau, retratando um país e um Estado banalizados e sitiados por bandidos e traficantes de drogas, governados por um conjunto de políticos impreparados, tomados por uma corrupção desenfreada e geridos sem qualquer ideologia política. Vezes há em que a minha preocupação, enquanto autor, se volta para a realidade cultural do país, envolvendo as superstições, os rituais de iniciação e de passamento, porém, sempre de forma superficial e pouco edificativa.

Na verdade, o que se espera de um escritor ou de um qualquer projeto literário nada mais é que um contributo para melhor entendimento da realidade cultural de um povo. Não se espera de nenhum escritor uma negação total da sua realidade, uma atitude de resignação perante as narrativas tradicionais ou ausência delas tomadas genericamente por verdadeiras e inquestionáveis. As narrativas tradicionais referentes ao mundo sobrenatural entre as tribos da Guiné-Bissau afiguram-se demasiado vagas e desinteressantes, o que é, sim, sinal de que algo está em falta, na medida em que não se sustenta a hipótese de que possa existir um povo sem os seus próprios mitos e estruturas religiosas.

Cresci e fui educado como muçulmano, tendo passado toda a minha adolescência e juventude em escolas corânicas e mesquitas, rodeado de “homens grandes” da minha terra natal que me foram incutindo na mente ideias iconoclastas contra as práticas ditas “pagânicas”, “idólatras” e “satânicas” das tribos não islamizadas e não evangelizadas. Podíamos conviver com elas, mas olhávamo-las como gente perdida e sem a graça de Alá ou de Deus.

Ao emigrar para Portugal, em contacto com uma realidade cultural diferente que, de certa forma, pugna pela diferença, pela ciência e pelo questionamento de aspetos da vida outrora explicados tradicionalmente, e graças ao distanciamento, foi despertando em mim, paulatinamente, a necessidade de revisitar as verdades e os conhecimentos que me foram passados durante a juventude. Nasceu assim, em mim, o pensamento crítico e o interesse pela identidade cultural e religiosa do mosaico etnográfico que constitui a cultura da Guiné-Bissau.

O que pretendo fazer com este projeto é, na verdade, o levantamento daquela realidade cultural que não me foi mostrada, daquela narrativa mitológica que nunca me foi contada ou que foi abafada pelo advento do monoteísmo, da islamização e da colonização. Tenho lido muito sobre as narrativas mitológicas das culturas grega, nórdica, egípcia, zoroastriana, asteca, inca e por aí fora, e tenho percebido através delas que o que fortalece um povo e o demarca em relação aos demais é, entre outros

aspectos, a sua capacidade de encontrar explicações para os fenómenos naturais e metafísicos de forma sistemática, complementada por certas práticas religiosas, rituais, sociais e políticas que se guiam pelos ditames de narrativas já firmadas. Estas práticas, na maior parte das vezes, são moralizadoras ou moralizantes e facilitam o exercício do poder político, permitindo punir ou premiar, aqui ou no além, qualquer membro da sociedade que se desvie das regras instituídas.

Porém, narrativas semelhantes não existem na cultura guineense ou, existindo, não se encontram devidamente difundidas, porque outras religiões e crenças oriundas do mundo oriental a elas se sobrepuseram. O que me proponho fazer, sublinho, não é um levantamento académico de uma história apagada, mas, sim, uma tentativa, porventura num ensaio literário, de reconstrução possível de uma história que poderia ter sido contada aos meus bisavós se não tivesse sido sufocada por outras crenças. Trata-se de um desafio que permitirá afirmar que este trabalho não se confunde com qualquer tipo de amadorismo, porque irá cingir-se ao que de mais relevante tem a nossa cultura: a representação simbólica do divino.

Veja-se, em suma, que o quadro etnográfico na Guiné-Bissau agrupa tribos variadas que abrangem grupos litorâneos quase 100% animistas (balantas, pepeis, felupes, mandjacos, mancanhas, bijagós, nalus e beafadas) e grupos islamizados, de origem neossudanesa, localizados mais no interior do território (mandingas, saracolés, sossos, fulas), misturando-se com os descendentes de cabo-verdianos, de colonos europeus e sírio-libaneses. A expressão etnográfica, folclórica e popular é, como se pode presumir, rica e variada, se dela expurgarmos as crenças monoteístas.

O dom da escrita literária que, conforme já referi, não me assiste tanto, porquanto escrevo em língua portuguesa, que não é a minha língua materna, é um retrato da alma singular que se manifesta no plano da existência, e que quanto mais próximo estiver da realidade e da verdade, como é o projeto que ora se desenha, mais pertinente se torna para o pensamento que brota das mãos do autor dotado. Uma obra é apenas um tecido ficcional que tem por meta a revelação do dom do autor e das verosimilhanças da realidade.

Assim, conto escrever, em ficção, o que poderia perfeitamente resultar num trabalho académico de grande envergadura, talvez para lançar sementes no chão da inexistência de narrativas mitológicas e criacionistas próprias e exclusivas do povo guineense e alertar para a necessidade de as resgatar das cinzas sopradas pelo monoteísmo e pela narrativa criacionista judaico-cristã que nos diz que Deus criou o mundo em seis dias e descansou ao sétimo. Até porque hoje acredito que a divindade está em todas as coisas e que todas as coisas não são senão formas ou

sombras efémeras dentro de uma mesma divindade. Quando digo que se trata de uma mesma e única divindade não me refiro à crença num só Deus, como algo isolado, num sentido monoteísta, mas em algo mais metafísico: um só Deus que é, ao mesmo tempo, todas as coisas.

Se acreditássemos que Deus existe – suponhamos que acreditamos que existe um só Deus – mas que esse Deus não está neste texto, ou não está no esterco de um animal, ou não está em determinada personagem, esse Deus, então, é finito, porque este texto, aquele esterco ou aquela personagem limitam-No. Portanto, para poder conceber um Deus infinito, esse Deus não pode estar limitado em nenhum aspeto, não pode ter, em absoluto, preferências por nada nem por ninguém, por religião alguma nem por qualquer povo, porque nada existe fora Dele. Não começou jamais, não terminará jamais e não existe de uma maneira fenomenal ou fenoménica, apenas existe de uma maneira metafísica e essencial. Existe no próprio seio do Existir, do Existir à grega, ou como diria Aristóteles, o Existir, o Ser, por excelência.

Assim devem também existir e coexistir as narrativas mitológicas representativas das culturas constitutivas do mosaico etnográfico da Guiné-Bissau.



QUANDO O CHÃO DA ORALIDADE PARIU O LIVRO

TONY TCHEKA

O ato de escrever, em toda a sua dimensão, entre o quê, o porquê, como e para quem, bem assim a problemática relacionada com um certo momento de introspeção, busca de motivações e fontes de inspiração, são questões de antanho, mas que acompanham a modernidade e persistem na agenda cultural dos criadores e de outros intervenientes no vasto e delicado processo de escrita e edição, assumindo-se como temas de debate que, não sendo de forma alguma matéria principal, persistem todavia na esteira de (des)acordos que marcam os contornos de diferença de percepção entre uns e outros.

Entre os escritores há os defendem ser a escrita, essencialmente, um ato de realização pessoal, fazendo aquilo de que mais se gosta – escrever. Outros, entre escritores e analistas, o grupo maioritário, defendem que a criação literária é, em primeiro lugar, a elaboração de escritos com o objetivo principal de serem lidos pelo público e/ou, em última análise, serem utilizados nas escolas e academias como ferramentas ou contributos para levar a literatura e a cultura ao ensino e, ao mesmo tempo, alargar a latitude do gosto pela leitura.

Sobre o momento de inspiração, a controvérsia mantém-se e ainda hoje há quem fale em "receber um sopro" que, traduzido, significa do ponto de vista etimológico, "inspirar/inspiração", ou seja, a vontade de escrever, criar, exprimir-se em qualquer disciplina artística fica a dever-se a uma oferenda própria de deuses e não ao talento do ser humano.

Recordemos que, na antiguidade clássica grega, a inspiração artística era imputada

a figuras mitológicas, como as nove Musas, filhas do todo-poderoso Zeus e de Mnemósine, a personificação da Memória. Dizia-se que quem as Musas cantassem seria recordado para a eternidade... e, pelo contrário, quem elas esquecessem morreria para o tempo. Situado no passado bem recuado de um percurso muitas vezes tumultuoso para “homens e mulheres de pena criativa”, bem como de outras áreas artísticas, sinto-me tentado a avançar no tempo e recorrer a uma das maiores referências lusas, o poeta Luís de Camões que, na sua obra *Os Lusíadas* (1572), era inspirado pelas Tágides, esbeltas criaturas do rio que abraça Lisboa, a capital das sete colinas, antes de deixar-se levar pelo Atlântico. Estas eram semelhantes às ninfas de outrora, jovens graciosas que habitavam nos rios, mares ou florestas, capazes de enlouquecer quem se cruzasse com elas.

Quando o Chão da Oralidade são as Musas e as Tágides

A nós, na Guiné-Bissau, terra da África subsariana, onde o ensino secundário só chegou bem nos finais dos anos cinquenta e princípios de sessenta, impõe-se-nos perceber como e quando a escrita nos chegou, em que contexto sociopolítico e, não menos importante, saber também quando a conquistámos e dela nos apropriámos.

Feitas estas considerações em jeito de um certo avivar de memória e contextualização de um tema sempre apaixonante e rico em ensinamentos, sinto-me impelido a abrir o leque das experiências e especificidades, refletindo sobre um chão de oralidade onde a escrita primou por séculos de ausência escancarada e até ofensiva – a minha Guiné-Bissau. Ao seguir por este caminho, nada melhor que uma abordagem vivificadora, indo às raízes adubadas numa experiência e visões sustentadas por uma vivência comunitária e multifacetada nos desígnios da sua própria construção. O chão de oralidade era equivalente ao registo e partilha que amantava mais de uma vintena de línguas, perceções e valores culturais e sociológicos próprios que se complementavam.

Faço parte de uma geração a que o historiador e homem das letras e cultura, Mário de Andrade¹, ao descobrir realidades e escritos da autoria de jovens guineenses

¹ Mário (Pinto) de Andrade nasceu em Angola. Depois da independência deste país, a sua oposição ao regime de Agostinho Neto levou-o a exilar-se na Guiné-Bissau onde, nos finais da década de 70, tutelou as áreas da Cultura e da Comunicação Social.

desconhecidos, logo, nunca editados, chamou “Meninos da hora de Pindjiguiti”, justificando-se no tema mais tratado nos versos que inesperadamente lhe chegaram às mãos.

Não se tratando de um movimento literário na verdadeira aceção da palavra, antes de um grupo de jovens que, tendo testemunhado o “massacre de Pindjiguiti”, individualmente, na sua intimidade, levaram ao papel o trágico incidente que entrou na história da Guiné-Bissau e que, no entender de alguns estudiosos, foi o marco que ditou o desencadear da luta da independência, que viria a durar longos 11 anos de muita dor, sofrimento e perda de vidas humanas de parte a parte, nunca contabilizadas.

E, sobre o passado de ferro e fogo, construíram-se novas premissas que foram dando lugar à liberdade de ser e criar na diversidade a riqueza multicultural que nos une. A cultura começou a colher ganhos. Logo em 1977, foi editado o primeiro livro pós-independência da jovem República da Guiné-Bissau, *Mantêhas para Quem Luta*. Todo ele escrito por 14 jovens que nunca tinham idealizado esse livro, organizado e impresso na tipografia do Jornal “Nô Pintcha” e editado em Bissau pelo Conselho Nacional de Cultura, dirigido por Mário Pinto de Andrade.

O cenário aqui descrito não só entrou em sintonia perfeita com os novos ventos, estimulando o desenvolvimento da cultura, como despertou mais interesse ainda pelas noites de *djumbay*², a grande marca da solidariedade e partilha que acontecia diariamente, sobretudo à noite. Uma espécie de denominador comum, presente em todos os cantos da Guiné-Bissau, tanto nas tabancas como nos centros urbanos de menor ou maior grandeza. Nos bairros de Bissau, Cacheu, Geba, Morés, Colinas do Boé ou Cacine, continuou-se a bom ritmo a magia de “conta-estória”, “conta-passada”, fábulas, poesia cantada, “*Ere-ere; I temba un biass*” *Adivinha-Adivinha, Stória-sertu; Undulé-Undulé*”, eram formas de enunciar os temas a preencher os *djumbay* do dia, o que acontecia depois do *sia*³, que juntava meninos e grandes numa caminhada de restituição do passado e do presente que importava não só manter vivo, como enriquecido por melodias com batidas compassadas nascidas da tina-de-água⁴ e da memória coletiva complementada por uma farta imaginação

² Momentos de convívio em que as pessoas se juntam para ouvir histórias reais ou ficcionadas.

³ Jantar, refeição da noite.

⁴ A tina, tambor d’água ou sikó, é instrumento de percussão originário da Guiné-Bissau, constituído por uma tina quase cheia de água sobre a qual se coloca uma cabaça oca que, ao ser percutida com a palma das mãos, produz um som grave e intenso.

criativa e que, naqueles tempos sem televisão e muito menos computadores e telemóveis, animavam o convívio e aproximavam as pessoas.

Nessa época, tudo começava e acabava na fala, na voz, no saber partilhar em jeito de “boca-ouvido” e, depois, na difusão. Não havia livros, não havia escritos, saía tudo da mente. Mente alimentada por outras mentes que resistiam ao tempo, transformando-se elas mesmas em histórias e bibliotecas com vida própria e solidárias na arte do contar, falando e cantando em partilhas circulantes numa estrada longa e larga de amizade.

A inspiração era a noite, a musa o próprio *djumbay* à luz das estrelas e da lua. Na época das chuvas, uma pequena lamparina acesa sinalizava o local do convívio. O ponto de encontro incontornável. No tempo do *kunfentu*, época do ano marcada por um vento áspero a agredir a pele, recorria-se a uma pequena fogueira para fazer frente à geada da noite e aquecer os corpos mais sensíveis às variações térmicas diárias. Na roda dos *djumbay* desfilavam personagens que ainda hoje moram em nós e, quando nos lembramos das peripécias, não há sorriso que resista, acabando muitas vezes em gargalhadas íntimas.

O tio *lubo* glutão e sempre faminto, perdendo em todas as disputas com a lebre, o *chibinhu*, pequenino mas esperto, que não se deixava enganar por ninguém; a tia *ganga*⁵ de plumas lindas, e porte elegante, cantadeira que marcava o tempo hora a hora a partir do quintal do Palácio do Governador, ou dos serviços da meteorologia, locais onde se pavoneava; o lagarto malvado, a cobra traíçoeira, a pomba preguiçosa que mais gostava do poleiro, a formiga entregue ao trabalho sempre de *bemba*⁶ cheia e surgiam sempre figuras de pássaros e passarinhos de nomes melódicos, como *saia-blusa*, *tchintchor*, *inguli-malgueta*, *katchu kaleron*, *frintanba*, *djamba*⁷ e tantos outros que, ao cair da noite, se refugiavam nas árvores, como se lá de alto também escutassem as histórias que nos deliciavam enquanto o sono não nos vencia.

E a imaginação e a criatividade tinham espaços próprios de enorme latitude e traziam ao *djumbay* figuras mitológicas protagonistas nas histórias e que, no dizer dos mais velhos, viviam entre nós, embora nunca as pudéssemos ver. Do *Irã* às *Casissas*, do *Kus* ao *Kokin-kokiu*, à vivência dos *murru*, *botadur* de sorte, multiplicavam-se as razões para opção do *yalsa-mon* a *djubi-kaminhu*⁸... Uma amálgama de atores

⁵ Rara e localizada, a *ganga*, ou grou-coroado, é uma ave muito bela, de grande envergadura.

⁶ Barriga

⁷ Nomes de pássaros

⁸ Divindades, figuras mitológicas invisíveis, mas sempre presentes.

matrieiros e figurantes desesperados que povoaram o nosso tempo de *minineza*, eram afinal os atores e figuras principais da “estória-estória” que confundia a imaginação e a realidade. Uma imaginação que estimulava a criatividade da menina da a fazer dos ossos da vaca bonecas enfeitadas com missangas e contas para brincadeiras sem fim. Outras tempos, outras *saburas*⁹. As histórias contadas tinham sempre referências e marcas culturais, o bem-fazer, a perseverança, o trabalho sério, o amor à natureza, fraternidade, companheirismo, o respeito pela palavra dada e o compromisso assumido. Um conjunto de valores repercutindo os itens da idiosincrasia guineense, ou seja, a *Guinendadi*, que tem alma grande e inculca o respeito, a verdade e a irmandade.

Contavam-se histórias de bolanhas¹⁰ parideiras sempre com o verde a nascer, árvores que davam frutos para ninguém morrer de fome, flores que sorriam ao sol em agradecimento à vida. As árvores de grande porte, na sua maioria, eram defendidas pelas populações lideradas pelos homens grandes do alto do seu saber. Havia respeito pelas plantas pelas plantas e árvores amigas que davam mezinhas para combater doenças, as febres, o paludismo, mordeduras de cobras e tanto mais, para além de frutos de todas as cores, formatos e épocas... E ainda uma biblioteca presa à terra, guardiã de um imenso rol de conhecimento – o chão da oralidade.

E foi o chão da oralidade que pariu a escrita e o livro na Guiné-Bissau. A fonte-parto referencial deu-se em 1883, quando o Cónego Marcelino de Barros foi beber, saborear e plasmar no papel, em kriol e português, as histórias de *Lubu ku garsa*, *Storia di un fidju strabaganti*, e *Tris Gulus*¹¹, entre outros. E o livro fez a sua viagem partilhando o *barkafon*¹² de conteúdos e aumentando o volume dos saberes guineenses.

E no processo da feitura do primeiro e segundo livros da independência da Guiné-Bissau, conduzida por Mário de Andrade, e que tomou a feição de um seminário de formação sobre processos de escrita e o valor da palavra, apurou-se que, afinal, aquele grupo de “Meninos da Hora de Pindjiguiti”, na sua maioria, tinham tido uma musa inspiradora que os conduzira por caminhos de memória futura, e que dava pelo nome de *djumbay*.

⁹ Sabores

¹⁰ Terrenos extensos, pantanosos ou perto de cursos de água, férteis e adequados ao cultivo de arroz.

¹¹ Contos tradicionais guineenses: "O lobo e a garça", "Estória de um Filho Extravagante", "Os três Gulosos".

¹² Acervo, coleção.



EU, ESCRITOR, ME DISPO

UNGULANI BA KA KHOSA

Quando vem à tona o tema sobre o ofício de escritor, socorro-me sempre das indefetíveis palavras do Gabo, García Márquez. Dizia ele “que o ofício de escritor, as suas técnicas, os seus recursos estruturais e até a sua minuciosa e oculta carpintaria devem ser aprendidos na juventude. Nós, os escritores, somos como os papagaios, que não aprendem a falar depois de velhos.”

Esta é a nossa verdade. Confesso que um dos meus mais prediletos passatempos é o de colecionar alguns achados de insignes escritores, na certeza de que a partir de uma certa idade, neste solitário ofício, os escritores gostam de criar narrativas sobre o seu ofício. Um conceituado Nobel da Literatura disse, ao perguntarem-lhe sobre os tempos primeiros da escrita, que começou a escrever na areia. Outro, mais solitário, disse que só conseguia escrever defronte de uma parede totalmente branca e em total silêncio. Anotei um outro que gostava de ter os pés mergulhados numa bacia com água morna. Outro, não sendo melómano, fez uma lista exaustiva de autores da música clássica que preenchiam o seu escritório. A propósito da música, sou um pouco como o nosso Poeta Nacional, José Craveirinha, no poema “Mozart e Fani Pfumo”, que passo a citar:

– *Para o Rui Knopfli que está sempre a deitar-me à cara o seu Mozart*

Juro que não invejo os adágios de Mozart/ nem as cantatas de Beethoven./ De que me vale Mozart/ ou Beethoven/ se não desejo anestesiar-me em ópus (opus)/ nem sequer participar da acção de Stravinsky/ apontando o violino?! Para mim/ o mísero tambor tem todos os ritmos/ que necessito para andar certo com o meu vencimento/ e a melodia

dos xipendanes ferindo a noite/ ainda tem a pureza de uma virgem/ sangrando às garras dos duendes possessos/ aos duros adágios de côdeas./ Um dial/ na minha vida oxalá inúteis/ os apelos ancestrais das peles repercutidas/ ilicitamente a palmadas na povoação/ para que um Mozart moçambicano tenha tempo/ de escrever operetas para o meu ócio africano/ e até Rachmaninoff de cabelos crespos e narinas largas/ erga a batuta num conjunto de câmaras/ não ardentes nas barrigas/ E no entanto/ eu compreendo ao longe Mozart/ mas sinto mais o que me diz Fani Pfumo/ e o que Miriam Makeba canta./ E/ constantemente/ entro em diálogo com a magia dos tambores/ E tu?! Beethoven goza-te em 33 rotações a 220 escudos.” (1970)²

Poderia continuar a dizer mais, como a afirmação de um outro escritor que disse ser imprescindível anotar as primeiras ideias logo pela manhã, sentado na sanita; em jeito de fecho deste rosário sobre a minuciosa carpintaria da escrita, acrescento as palavras do mestre William Faulkner³, que dizia que o melhor cenário para o escritor é o bordel, porque de manhã é o silêncio total e, à noite, a balbúrdia de sempre. Interessante registo de um autor que escreveu *Santuário* debaixo de um poste de iluminação pública e por cima de um tambor, sob os rigores do frio sulista.

Os poetas, essas ilustres figuras a quem o dom da epifania arrebatava, são os mais felizes e sinceros, porque mais errantes, indomesticados, e não glorificam um espaço único. À mesa de um café, no quarto de um hotel, a bordo de um avião, ou em plena discoteca, o poema floresce. Drummond⁴ dizia que “a Poesia é um jogo em que os poetas manejam cartas desconhecidas deles próprios. A poesia força as palavras a dizerem o contrário do que elas pretendiam. Por sua raridade, a poesia escapa até dos poetas.”⁵

Este ofício, num continente onde pouco se lê, onde nascem universidades sem bibliotecas, e onde o conceito de escola é substituído por essa desumana e perversa expressão que é “salas de aulas”, só pode ser praticado por loucos. Daí que concorde com aqueles que dizem que “nós (cito), escritores, não somos escritores por nossos próprios méritos, mas sim pela desgraça de não conseguirmos ser outra coisa na vida, e que o nosso trabalho solitário não deve merecer mais recompensas e nem mais privilégios que os que merece o sapateiro por fazer os seus sapatos.”

¹ António Mariva Mpfumo (1928-1987), Fani Pfumo, cantor moçambicano, conhecido como o “rei da marrabenta”. Em alguns sites, o pseudónimo do cantor surge grafado Fany Pfumo, ou Fany Mpfumo.

² In *Moçambique e outros Poemas dispersos*, obra póstuma de José Craveirinha, editada por Alcance Editores, 2018.

³ In *O Aroma da Goiaba*, de Gabriel García Márquez com Plinio Apuleyo Mendoza, Dom Quixote, 2005.

⁴ Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), poeta, contista e cronista brasileiro.

⁵ Dicionário: Carlos Drummond de Andrade: A dimensão lírica do cotidiano. Edição de Luiz Coronel, Porto Alegre, 2013.

Vargas Llosa⁶ defende o princípio de que escrever um livro seria “como um *striptease* invertido. Na elaboração do romance iria vestindo, dissimulando sob espessas e multicolores peças de roupa, forjadas pela sua imaginação, aquela nudez inicial, ponto de partida do espetáculo.” É este o nosso ofício. Um ofício que começa, com muita afoiteza, quando damos os primeiros passos e nos interrogamos sobre as noções de estilo, espaço, tempo, narrador, poder de persuasão, e outros quesitos. Estas noções vêm-nos de leituras, de livros que incessantemente buscamos para encontrar a nossa família literária e, em consequência, aquilo a que chamo da nossa mão, do nosso estilo. E à medida que o tempo vai passando, a nossa biblioteca vai-se confinando aos livros que amamos, aos autores que nos marcaram, e a escrita, outrora torrencial, vai-se tornando mais dolorosa porque tornámo-nos mais exigentes com os textos que vamos escrevendo. Criámos o nosso mundo, o edifício com janelas e portas que se vão, sucessivamente, abrindo.

Eu comecei a ler para escrever já com vinte anos. Recordo-me que aos doze/ treze anos, na euforia da banda desenhada e dos livros de seis balas (cobiadas) que comprávamos e trocávamos, ocorreu-me escrever livros do género – pistoleiros solitários. Mas foi pura imaginação da pré-adolescência. Só aos vinte e um anos, quando fui colocado como professor secundário na província mais a norte de Moçambique, é que a ideia de ser escritor se entranhou em mim. Eu estava naquilo que, ao tempo, chamávamos o nosso “gulag”, os nossos campos de reeducação. Aí se deu o toque. E dei-me conta de que precisava de ler para escrever. E entrei, com esfuziante alegria, no grande rio da literatura. Nas livrarias existentes só havia edições soviéticas, encimadas pelas obras completas de Lenine e Marx. A verdadeira literatura, descobri-a nas bibliotecas das instituições – ministério da educação, biblioteca municipal, etc. Lá, votados ao ostracismo, estavam os grandes autores, dos russos (Dostoiévski, Tolstoi, ao ucraniano Gogol ...) aos franceses, dos americanos aos portugueses.

Dos escritores portugueses, confesso ter tido alguma dificuldade em me entrosar com a geração do Virgílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís e outros, de gerações anteriores, como Aquilino de Ribeiro, pois tratavam com muita cerimónia a língua de Camões. Era um mundo bastante asséptico para mim. Achava que dizer “porra” e “filho da puta” era pecado. Aguentei-me bem com o Eça de Queirós e o José Cardoso Pires. Mas foi a partir do livro *O Que Diz Molero*, de Dinis Machado,

⁶ Mario Vargas Llosa, escritor peruano, galardoado com o Prémio Nobel de Literatura em 2010.

que me reencontrei com essa grande geração de escritores dos anos oitenta do século passado (Saramago, António Lobo Antunes, Lídia Jorge, João de Melo – com um dos títulos mais belos do mundo: *Gente feliz com lágrimas*, e outros que internacionalizaram a literatura portuguesa). A língua portuguesa tornou-se mais dócil e, concomitantemente, mais selvagem. Adoro os que a levam até ao limite.

Não tenho grandes narrativas sobre o meu processo de escrita. Hoje dou-me ao luxo de escrever num espaço a que chamo de escritório, rodeado dos livros que amo e necessito. Mas nem sempre foi assim. Nos tempos primeiros, na fase de iniciação, eu escrevia na pequena sala do meu apartamento por entre a barulheira dos meus filhos menores entrando e saindo da sala. Aprendi a abstrair-me de tudo o que me rodeia. Passei a não ouvir outras vozes, outros gritos, outras músicas, senão a dos meus personagens. O tropel de passos e vozes dos meus filhos foi fundamental para a minha disciplina. Hoje, passados anos de aprendizagem, quando um parágrafo me encanta, dou-me ao luxo de escutar os ritmos marcados pelo lamelofone – um idiofone dedilhado, conhecido na zona norte do rio Limpopo como *mbira*, *mbila*, *njali*, *kalimba* ou *chitata*. E, como a zona onde nasci, centro de Moçambique, é bastante influenciada pelo Zimbabué (fizemos parte do império de Monomotapa), músicos como Thomas Mapfumo e Oliver Mtukudzi são referência obrigatória.

Esse instrumento, a *mbira*, leva-me à África mais profunda, lá onde a magia dos tambores, como dizia o poeta maior, nos enterra ao chão sagrado e multicultural.

Esta é a narrativa que criei para o “Eu, escritor”.



X ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE NA LITERATURA

FOTOGRAFIAS





1. Entrada da Escola Secundária Cesaltina Ramos, com escritores José Luiz Tavares e Luís Cardoso "Takas" e Jorge Garcia, Vereador da Cultura da CMPraia.
2. Visita à Escola Secundária Regina Silva, com escritores, Inês Barata Raposo, e Valter Hugo Mãe.
3. Visita à Escola Secundária Regina Silva, com escritores, Inês Barata Raposo, Valter Hugo Mãe e Tony Tcheka.
4. Escola Primária Capelinha Fazenda, com Sheila Khan.



5



6



5. Sessão de abertura na Universidade Jean Piaget. Da esquerda para a direita, Daniel Medina, Presidente da ACL; Francisco Carvalho, Presidente da CMPraia; Fernando Elísio Freire, Ministro do Governo de CV; Ailton Varela, EMEP; Vítor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA, em pé no púlpito.
6. Sessão de abertura. No púlpito, Fernando Elísio Freire, Ministro do Governo de CV, em representação do Primeiro-Ministro, Ulisses Correia e Silva.



7



8



9

7. Apresentação do Prémio de Revelação Literária UCCLA-CML. Na mesa, da esquerda para a direita, Vítor Ramalho, Germano Almeida e Ricardo Ferreira de Almeida. Em pé no púlpito, Rui Lourido, coordenador do Prémio.
8. Apresentação do Prémio de Revelação Literária UCCLA-CML (video no ecrã), Alexandre Siloto Assine (Brasil), vencedor, autor de *Caligrafia* (poesia).

9. Ricardo Ferreira de Almeida (Portugal), Menção Honrosa do Prémio Literário, autor de *Três Dias em Fevereiro* (romance).



10



11



12



13

10. José Carlos Vasconcelos, diretor do Jornal de Letras e poeta (Portugal).

11. José Jorge Letria, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores (Portugal).

12. Mia Couto, escritor (Moçambique).

13. Feira do Livro, Pátio da Câmara Municipal da Praia.



14



15



16



14. Luis Cardoso (Timor-Leste).

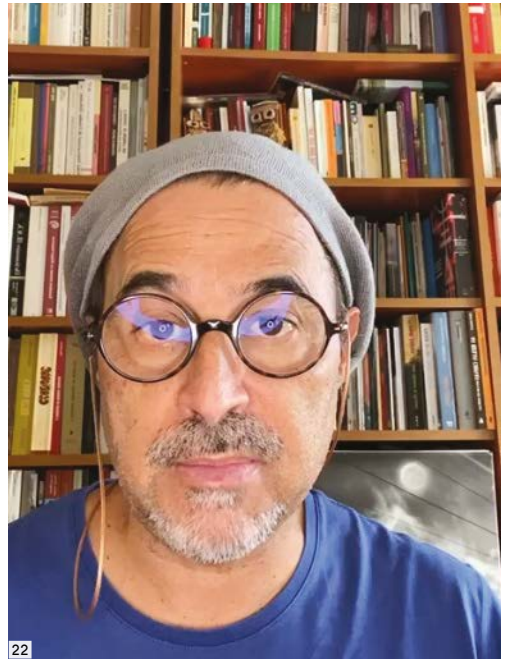
15. Painel "Literatura: Insularidade e Universalidade".
Da esquerda para a direita, Luis Cardoso, Herminia Curado, Augusta Teixeira e Manuel Veiga.

16. Herminia Curado - moderadora (Cabo Verde).

17. Augusta Teixeira (Cabo Verde).

18. Manuel Veiga (Cabo Verde).





19. Painei "Literatura e Sociedade - Inclusão e Património".
Na mesa, da esquerda para a direita, João Lopes Filho (moderador), Lopito Feijóo e José Eduardo Agualusa (vídeo no écran).
20. João Lopes Filho (Cabo Verde) .
21. Lopito Feijóo (Angola).
22. José Eduardo Agualusa (Angola).





23. Painel "Vozes Femininas na Literatura - Insularidade e Universalidade". Na mesa, da esquerda para a direita, Dina Salústio, Inês Barata Raposo, Andreia Mosso (moderadora), Sheila Khan e Vera Duarte. Inocência Mata (vídeo no ecrã).

24. Dina Salústio (Cabo Verde).

25. Inês Barata Raposo (Portugal).

26. Andreia Mosso - moderadora (Cabo Verde).

27. Sheila Khan (Moçambique).

28. Vera Duarte (Cabo Verde).

29. Inocência Mata (São Tomé e Príncipe).



30



31

30. Daniel Medina, Presidente da ACL - Homenagens a Oswaldo Osório, Teobaldo Virgínio, Dina Salústio e Manuel Lopes.

31. Apresentação *online* da revista *Novas Letras*, por Daniel Spinola, presidente da SOCA.



32



33

32. Apresentação do livro *Cultura e Literatura em Tempos de Pandemia*. Na mesa, Rui Lourido e Vitor Ramalho.
33. Apresentação do livro *Quando os Cravos Vermelhos Cruzaram o Gebo*, de Tony Tcheka. Na mesa, Rui Lourido e Tony Tcheka.



34



36



35

34. Apresentação de Raiz di Polon. No palco, ao centro, o coreógrafo Mano Preto e o poeta José Luiz Tavares

35. Plateia na apresentação de Raiz di Polon, dança e poesia - Coração de Lava, de José Luiz Tavares, no Centro Cultural da Embaixada de Portugal.

36. Apresentação de Raiz di Polon. No palco bailarinos.



37

37. Jantar oferecido pela UCCLA aos participantes e membros da organização.



38



39



40



41



38. Painel "Políticas e temáticas da literatura contemporânea lusófona". Da esquerda para a direita, Madalena Neves, Manuel Brito Semedo, Ricardo Ferreira de Almeida. Alexandre S. Assine (vídeo), Domicio Proença Filho (vídeo).

39. Alexandre S. Assine (Brasil).

40. Domicio Proença Filho (Brasil).

41. Manuel Brito Semedo - moderador (Cabo Verde).

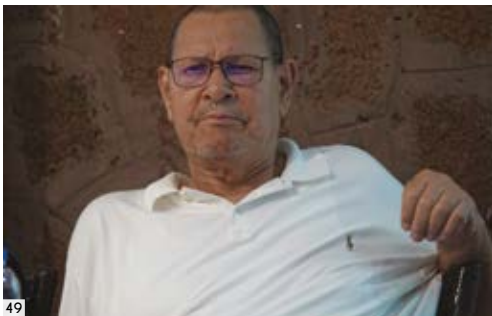
42. Ricardo Ferreira de Almeida (Portugal).

43. Madalena Neves (Cabo Verde).



44

44. Painel "Agora Falo Eu - Tertúlia Literária: Testemunho sobre *Eu Escritor*, Processos de Criação Literária e de Edição". Da esquerda para a direita, Tony Tcheka, Jorge Carlos Fonseca, José Luíz Tavares, Augusta Teixeira - moderadora, Ungulani Ba Ka Khosa, Germano Almeida. Amadú Dafé (vídeo ecran).



- 45. Tony Tcheka (Guiné-Bissau).
- 46. Jorge Carlos Fonseca (Cabo Verde).
- 47. José Luiz Tavares (Cabo Verde).
- 48. Ungulani Ba Ka Khosa (Moçambique).
- 49. Germano Almeida (Cabo Verde).
- 50. Amadú Dafé (Guiné-Bissau).



51



52



53



51. Sessão de Encerramento do X EELP, no dia 08/10 - Auditório Hotel Trópico. Na mesa, da esquerda para a direita: Abraão Vicente - Ministro da Cultura, José Maria das Neves - Presidente da República, Francisco Carvalho - Presidente da C.M. da Praia. Em pé, no púlpito, Vitor Ramalho - Secretário-Geral da UCCLA.

52. Abraão Vicente, Ministro da Cultura de Cabo Verde.
53. José Maria das Neves, Presidente da República de Cabo Verde.
54. Francisco Carvalho, Presidente da C.M. da Praia.
55. Vitor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA.
56. Assistência na sessão de encerramento.



TEMA GERAL
**INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE
NA LITERATURA**

De 06 a 08 de outubro de 2022 - PRAIA, CABO VERDE

PROGRAMA

Dia 06/10 – quinta-feira– Universidade Jean Piaget

09h Visita a Escolas

15h **ABERTURA OFICIAL:**

Presidente da Câmara Municipal da Praia – Francisco Carvalho

Ailton Varela em representação do Presidente da EMEP, Victor Coutinho

Presidente da Academia Caboverdiana de Letras – Daniel Medina

Secretário-Geral da UCCLA, Vítor Ramalho

Fernando Elísio Freire, Ministro de Estado, em representação do Primeiro-Ministro de Cabo Verde, Ulisses Correia e Silva

17h Apresentação do Prémio de Revelação Literária UCCLA-CML, Novos Talentos Novas Obras em Língua Portuguesa. Apresentação de 2 livros premiados em 2022:

- *Caligrafia*, texto de poesia de Alexandre Siloto Assine –Ministro de Estado, da Família, Inclusão e Desenvolvimento Social,

- *Três Dias em Fevereiro*, romance de Ricardo Ferreira de Almeida

Com Germano Almeida, Rui Lourido e Vítor Ramalho

Saudações ao X EELP (online) do Diretor do Jornal de Letras e poeta José Carlos Vasconcelos, do Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, e do escritor Mía Couto

18h **Pátio da Câmara Municipal**

FEIRA DE LIVRO E APRESENTAÇÃO DA REVISTA NOVAS LETRAS

– Homenagens a Oswaldo Osório, Teobaldo Virgínio, Dina Salústio e Manuel Lopes

TERTÚLIA MUSICAL E POÉTICA COM:

Pedro Moreno, Irina e Alice Moreira (Brinde da SOCA)

Dia 07/10 – sexta-feira – Auditório Hotel Trópico

09h LITERATURA: INSULARIDADE E UNIVERSALIDADE
Com: Augusta Teixeira, Fátima Fernandes, Luís Cardoso e Manuel Veiga
Moderadora: Hermínia Curado

11h LITERATURA E SOCIEDADE – INCLUSÃO E PATRIMÓNIO
Com: Elisângela Rocha, José Eduardo Agualusa (online) e Lopito Feijóo
Moderador: João Lopes Filho

12h30m /14h30m – **Almoço**

14h30m VOZES FEMININAS NA LITERATURA CABO-VERDIANA –INSULARIDADE
E UNIVERSALIDADE
Com: Dina Salústio, Inês Barata Raposo, Inocência Mata (online), Sheila Khan
e Vera Duarte
Moderadora: Andreia Mosso

16h30m APRESENTAÇÃO DAS ANTOLOGIAS: *PRÉ-CLARIDOSOS E A CLARIDADE E
A MODERNIDADE LITERÁRIA CABO-VERDIANA*
Por: João Lopes Filho
Apresentação do livro *Quando os Cravos Vermelhos Cruzaram o Geba*,
do escritor Tony Tcheka
Apresentação do livro *Cultura e Literatura em Tempos de Pandemia*, edição da
UCCLA

18h30m – **Centro Cultural da Embaixada de Portugal em Cabo Verde**
Noite Cultural de Música, Dança e Poesia com: *Coração de Lava*, poema de José
Luiz Tavares e coreografia de Mano Preto

Dia 08/10 – sábado – Auditório Hotel Trópico

**10h POLÍTICAS E TEMÁTICAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA
LUSÓFONA**

Com: Madalena Neves, Alexandre S. Assine (online), Ricardo Ferreira de Almeida, Valter Hugo Mãe e Domício Proença Filho (online).

Moderador: Manuel Brito Semedo

**11h30m AGORA FALO EU – TERTÚLIA LITERÁRIA: TESTEMUNHO SOBRE EU
ESCRITOR. PROCESSOS DE CRIAÇÃO LITERÁRIA E DE EDIÇÃO**

Com: Amadú Dafé (online), Germano Almeida, Jorge Carlos Fonseca, José Luíz Tavares, Ungulani Ba Ka Khosa e Tony Tcheka

Moderadora: Augusta Teixeira

16h- Auditório Hotel Trópico

ENCERRAMENTO:

Presidente da Câmara Municipal da Praia, Francisco Carvalho

Secretário-Geral da UCCLA, Vítor Ramalho

Ministro da Cultura de Cabo Verde, Abraão Vicente

Presidente da República de Cabo Verde, José Maria Neves





ESCRITORES

Referências Bibliográficas

ALEXANDRE S. ASSINE
AMADÚ DAFÉ
DANNY SPÍNOLA
DOMÍCIO PROENÇA FILHO
INÉS BARATA RAPOSO
INOCÊNCIA MATA
JOSÉ CARLOS VASCONCELOS
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA
JOSÉ JORGE LETRIA
LOPITO FEIJÓO
MIA COUTO
RICARDO FERREIRA DE ALMEIDA
SHEILA KHAN
TONY TCHEKA
UNGULANI BA KA KHOSA



ALEXANDRE S. ASSINE

[Brasil]



Nasceu em Curitiba, em 1988. É formado em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Reside em Campinas, onde trabalha como revisor, na Câmara Municipal de Campinas.

O seu livro, *Caligrafia*, venceu a 7ª edição do Prémio de Revelação Literária UCCLA – CMLisboa – Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa, 2021/2022.

AMADÚ DAFÉ

[Guiné-Bissau]



Natural de Ingoré, norte da Guiné-Bissau. Membro da AEGUI – Associação de Escritores da Guiné-Bissau e do Centro PEN da Guiné-Bissau. Encontra-se atualmente a desempenhar funções como Técnico Superior na Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS), entidade responsável pela gestão do Serviço Nacional de Saúde em Portugal. Licenciado e mestrando em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; formado em Contabilidade pela Escola Nacional de Administração da Guiné-Bissau.

Editor/Organizador de *Florbela Espanca – Alma Sonhadora, Irmã Gémea de Fernando Pessoa*, Manufactura Editora, 2021 – Prémio Livro do Ano Bertrand 2021. Autor de *Ussu de Bissau*, Manufactura Editora – Obra finalista do Prémio Literário Fundação Eça de Queiroz e BCP 2021. Autor de *Jasmim*, Manufactura Editora, 2020, a ser traduzido para a língua alemã. Autor de *Magarias*, Esfera do Caos-Editores, 2017. Coautor de *Fora de Jogo*, KuSiMon Editora, coletânea de contos, em edição comemorativa dos 25 anos da Editora, 2019. Duas vezes vencedor do Prémio Literário José Carlos Schwarz, 2017 e 2015. Vencedor do Prémio Literário Internacional Conto Infantil - Matilde Rosa Ara.

DANNY SPÍNOLA

[Cabo Verde]



Daniel Euricles Rodrigues Spínola nasceu em Santa Catarina, ilha de Santiago, Cabo Verde.

Cursou Língua e Literatura Portuguesa no Curso de Formação de Professores do Ensino Secundário na Praia, Cabo Verde, e licenciou-se em Língua e Cultura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor de língua e literatura portuguesa nos liceus da Praia, Achada de Santo António, Várzea e Santa Catarina, tendo lecionado na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de Havana e na Guiné-Bissau aos voluntários do Corpo da Paz.

Tendo feito estágios e formações na área da língua portuguesa e da pedagogia no ICALP, e no domínio do jornalismo para o desenvolvimento rural com técnicos da FAO no Instituto Nacional de Investigação Agrária e com técnicos portugueses e cubanos no Instituto Amílcar Cabral, enveredou pelo mundo da investigação e divulgação cultural, realizando e dirigindo programas televisivos de investigação e divulgação cultural.

Foi distinguido pelo Governo de Cabo Verde, em 2005, com o 1º grau da Medalha de Mérito, em reconhecimento pelo mérito demonstrado no domínio da cultura; em 2007 foi distinguido pela Câmara Municipal da Praia com uma medalha de mérito enquanto escritor. Está ligado aos Poetas Del Mundo (Cônsul – Cidade da Praia – Ilha de Santiago).

Atualmente é membro de “Confrades da Poesia” – Amora / Portugal. É Presidente da SOCA/Vice-Presidente da ACL. Editor da SOCA e da ACL.

DOMÍCIO PROENÇA FILHO

[Brasil]



É professor, ficcionista, poeta, crítico literário e autor de textos teatrais e de roteiros para rádio e televisão; livre-docente e Doutor em Letras; Professor Honoris Causa da Universidade Clermont Auvergne (França). Professor Titular e Emérito da Universidade Federal Fluminense, lecionou Literatura Brasileira e Língua Portuguesa em outros centros universitários, entre eles, no Brasil, a UFRJ, a PUC-Rio e, na Alemanha, como professor titular convidado, na Universidade de Colónia e na Escola Técnica de Altos Estudos em Aachen. Participou como conferencista em seminários, entre os quais, o I Encontro das Academias de Letras da CPLP, realizado na ONU, em 2018.

Foi diretor de texto e autor dos verbetes e monografias de Teoria Literária e de Literatura Brasileira da Enciclopédia Século XX (cinco volumes). É autor de 69 livros, entre eles, o romance *Capitu-memórias póstumas*, com edições em italiano e francês; *O Risco do jogo*, livro de poemas, com edição em espanhol. Os premiados, *Breves histórias de Vera Cruz das Almas*; *Muitas Línguas, uma língua – a trajetória do português brasileiro*; *Leitura do texto, leitura do mundo*.

É membro da Academia Brasileira de Letras, de que foi presidente (2016 e 2017), da Academia Brasileira de Filologia, da Academia das Ciências de Lisboa e do PEN Clube do Brasil.

INÊS BARATA RAPOSO

[Portugal]



Nasceu em Castelo Branco, 1990. É a autora do romance juvenil *Coisas que Acontecem*, distinguido nacional e internacionalmente com os prémios Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian 2017, Tábula Rasa 2019 e White Ravens 2019. A sua obra é recomendada pelo Plano Nacional de Leitura e pela Biblioteca Internacional da Juventude.

Distinguida no concurso Jovens Criadores em 2018, publicou em diversas antologias e meios de comunicação. O seu conto “Uma Maçã por Dia” foi escolhido para integrar a antologia *A Criança Eterna*, promovida pelo Centro de Estudos Mário Cláudio.

Estudou Ciências da Comunicação (licenciatura), Artes da Escrita (pós-graduação) e Edição de Texto (mestrado) na Universidade Nova de Lisboa. Foi bolseira do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, passou pelo mundo do jornalismo (jornal Público, *freelancer*) e pelo mercado editorial como agente literária. Trocou Lisboa por uma aldeia no interior de Portugal e é de lá que hoje trabalha em estratégia de marca e redação publicitária.

INOCÊNCIA MATA

[São Tomé e Príncipe]



Doutorada em Letras pela Universidade de Lisboa, com pós-doutoramento em Estudos Pós-coloniais (Postcolonial Studies, Identity, Ethnicity, and Globalization, Califórnia, Berkeley), é professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa na área de Literaturas, Artes e Culturas. Atualmente é a Diretora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda. É membro do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, da Association for the Study of African Literatures (sediada em França), da AFROLIC – Associação Internacional de Estudos Africanos (São Paulo) e da AILP– CSH– Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa. Membro fundador da UNEAS – União Nacional de Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe e Sócia Honorária da Associação de Escritores Angolanos. Membro Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras. Distinguida com o prémio FEMINA 2015.

Algumas publicações: *A Literatura Africana e a Crítica Pós-colonial: Reconversões*. (Luanda: 2007/ Manaus: 2013); *A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito*, 2012, *Colonial/Post-Colonial: Writing as Memory in Literature*, 2012, com Fernanda Gil Costa; *Francisco José Tenreiro: as Múltiplas Faces de um Intelectual*, 2011; *Polifónias Insulares: Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe*, 2010; *Ficção e História na Literatura Angola: o Caso de Pepetela*. (Luanda: 2010/Lisboa: 2011).

JOSÉ CARLOS VASCONCELOS

[Portugal]



Poeta, membro da Academia Brasileira de Letras, José Carlos de Vasconcelos nasceu em Paços de Ferreira, em 1940, e publicou o primeiro livro de poemas, *Canções para a Primavera*, em 1960.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, iniciou a sua carreira de jornalista em 1966, no Diário de Lisboa. Interveio ativamente na vida sindical e, como advogado, na defesa de presos políticos e jornalistas. Foi um dos fundadores de O Jornal, seu diretor e diretor editorial do grupo, e fundador e diretor editorial da revista Visão.

Foi deputado à Assembleia da República, e presidiu à Comissão Parlamentar Luso-Brasileira.

Criou, em 1981, o JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias, que dirige desde o início; é coordenador editorial da Visão e presidente do CG do Sindicato de Jornalistas. Tem mais de 20 obras editadas já desde as décadas de 1960 e 1970, como: *Corpo de Esperança* (1964), *Liberdade de Imprensa* (1972); *Poemas para a Revolução* (1975); *De Águia a Zebra* (1978); livros mais recentes: *O Mar A Mar A Póvoa* (2001), *Repórter do Coração* (2004), *Caçador de Pirlampos* (2007); *Florzinha, gota de água* e *Arco, Barco, Berço, Verso* (2010); *A Gaivota e o Passaroco* (2011); *O sol das palavras* (2012); *Uma Relação Exemplar Intelectual, Política, Humana* – António José Saraiva e Óscar Lopes juntos numa entrevista a José Carlos Vasconcelos (2018).

Foram-lhe atribuídos todos os prémios de carreira do jornalismo português e, ainda, na sua 1.^a edição, o Prémio Cultura, da Fundação Luso-Brasileira.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

[Angola]



“Nasceu a dois mil metros de altitude, sob o mais belo céu do mundo, na cidade do Huambo”. Viveu em Luanda, em Lisboa, em Olinda, no Rio de Janeiro e em Berlim. Nos últimos anos passa mais tempo na Ilha de Moçambique.

Agualusa publicou 16 romances, além de várias coletâneas de contos, de crônicas e de poesia. Os seus livros estão publicados em mais de trinta países. Um dos seus romances, *Teoria Geral do Esquecimento*, ganhou o *International Dublin Literary Award*; o mesmo romance foi finalista do *International Man Booker Prize* — um dos mais importantes prémios literários do mundo. Com um romance anterior, *O Vendedor de Passados*, ganhou o *Independent Foreign Fiction Prize*.

JOSÉ JORGE LETRIA

[Portugal]



É ficcionista, jornalista, poeta, dramaturgo. Nasceu em Cascais, em 1951, onde foi vereador da Cultura de 1994 a 2002. É mestre em Estudos da Paz e da Guerra nas Novas Relações Internacionais pela Universidade Autónoma de Lisboa e pós-graduado em Jornalismo Internacional. Doutorou-se com distinção em Ciências da Comunicação no ISCTE.

Traduzido em mais de dez idiomas, foi premiado em Portugal e no estrangeiro. Destacam-se dois Prémios da APE, o Prémio Aula de Poesia de Barcelona, o Prémio Internacional UNESCO, o Prémio Eça de Queiroz – Município de Lisboa, o Prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte e o Prémio de Poesia Guerra Junqueiro.

As antologias *O Fantasma da Obra*, *O Livro Branco da Melancolia* e *Poesia Escolhida* condensam o essencial da sua poesia.

Foi, ao lado de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, um destacado cantor político, tendo sido agraciado, em 1997, com a Ordem da Liberdade. É presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, presidiu ao Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores (GESAC), com sede em Bruxelas, e ao Comité Europeu de Sociedades de Autores da Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores, com sede em Paris.

LOPITO FEIJÓO

[Angola]



João André da Silva Feijó nasceu em Malanje, estudou Direito em Luanda, na Universidade Agostinho Neto (UAN). Poeta e crítico literário, assina usualmente J. A. S. Lopito Feijó K. É membro da União dos Escritores Angolanos (UEA). É um dos membros fundadores da Academia Angolana de Letras (AAL/2016). Desde 2004, preside à Sociedade Angolana do Direito de Autor (SADIA), dirigindo a Gazeta dos Autores, órgão de divulgação dessa instituição.

Académico fundador (2014) da ALPAS 21 – Academia de Artes Letras e Ciências do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, ocupa a cadeira número 1 para estrangeiros. É membro correspondente da Academia Brasileira de Poesia “Casa Raul de Leoni” e é, igualmente, membro da *International Poetry* dos EUA e da *Maison Internationale de la Poesie*, sediada em Bruxelas. Prémio da Lusofonia atribuído pela Comissão Económica da CPLP, Prémio Guerra Junqueiro de Portugal e comendador no Estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Vencedor do prémio Globo de Ouro de 2021 na qualidade de melhor escritor do ano.

Tem livros traduzidos para francês, inglês e italiano e colaboração dispersa em publicações de Angola, Portugal, França, Espanha, Brasil, Estados Unidos da América (EUA), Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Nigéria, entre outros.

MIA COUTO

[Moçambique]



Mia Couto (1955), pseudónimo de António Emílio Leite Couto, nasceu na cidade da Beira. Escritor, poeta, jornalista e biólogo, iniciou o seu percurso literário aos 14 anos com a publicação de poemas no jornal Notícias da Beira. Em 1972 foi para Lourenço Marques, hoje Maputo, estudar medicina. A partir de 1974 enveredou pelo jornalismo, tornando-se, repórter e diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM). Em 1985, formou-se em Biologia, especializando-se na área de Ecologia, matéria que leciona em diversas faculdades. Como biólogo tem realizado pesquisas em diversas áreas, com incidência na gestão de zonas costeiras e na recolha de mitos, lendas e crenças que intervêm na gestão tradicional dos recursos naturais.

Mia Couto usa uma linguagem extremamente rica e fértil em neologismos, sendo o único escritor africano membro da Academia Brasileira de Letras, como sócio correspondente, eleito em 1998. É o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. O seu romance *Terra Sonâmbula* foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Em 1999, recebeu o Prémio Vergílio Ferreira pelo conjunto de sua obra, em 2007 o Prémio União Latina de Literaturas Românicas. Em 2013 venceu o Prémio Camões. Em 2014 recebeu o Prémio Internacional de Literatura Neustadt, em 2020 o Prémio Jan Michalski de Literatura pela trilogia *As Areias do Imperador* e, pela mesma obra, em janeiro de 2021, o Prémio Literário Albert Bernard, da Academia Francesa de Ciências do Ultramar.

RICARDO FERREIRA DE ALMEIDA

[Portugal]



Nasceu em Angola, em 1972. Licenciado em Antropologia pelo ISCTE–Instituto Universitário de Lisboa, Mestre em Sociologia pela Universidade de Coimbra e Doutor em Sociologia pela Universidade do Minho.

Desenvolve a sua atividade profissional no domínio da educação desde 1997, como formador do ensino profissional, secundário e universitário. Foi jornalista, ativista cultural e realizador de programas de rádio ligados à música tradicional. Foi cofundador dos grupos A Trouxa Mouxá – Teatro, Ao Toque de Vila Nova (música tradicional portuguesa) e A Tanga Teatro. Tem publicações na área da antropologia e sociologia, e os seus textos de teatro foram representados em Portugal e no Brasil.

Foi o vencedor da 1ª Menção Honrosa, com a obra *Três Dias em Fevereiro*, na 7ª edição do Prémio de Revelação Literária UCCLA–CMLisboa, Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa, 2021/2022.

SHEILA KHAN

[Moçambique]



É socióloga, investigadora do Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, professora auxiliar convidada da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e comentadora do painel do programa “Debate Africano” na RDP África. Fez o Doutoramento em estudos étnicos e culturais na Universidade de Warwick.

As suas mais recentes publicações: *Portugal a Lápis de Cor. A Sul de uma Pós-Colonialidade* (Almedina, 2015); *Visitas a João Paulo Borges Coelho. Leituras, Diálogos e Futuros* (eds. com Nazir Can, Sandra Sousa, Leonor Simas-Almeida e Isabel Ferreira Gould, Colibri, 2017); *O Mundo na Europa: Crises e Identidade* (eds. com Rita Ribeiro e Vítor Sousa, Húmus, 2020); *Racism and Racial Surveillance. Modernity Matters* (eds. com Nazir Can e Helena Machado, Routledge, 2021); ‘Reparações Históricas: Desestabilizando Construções do Passado Colonial’, *Revista Comunicação e Sociedade*, vol.41 (eds., com Vítor Sousa e Pedro Schacht Pereira); finalmente, *Djaimilia Pereira de Almeida: Tecelã de Mundos Passados e Presentes* (eds. com Sandra Sousa, 2023).

TONY TCHEKA

[Guiné-Bissau]



Tony Tcheka (António Soares Lopes Júnior), escritor e jornalista, é natural de Bissau. Foi um dos “Meninos da Hora do Pindjiguiti” que, sob a batuta de Mário Pinto de Andrade, lançaram o primeiro livro da Guiné-Bissau independente, a antologia poética *Mantêmbas para quem luta* (1977).

É Presidente da AEGUI – Associação dos Escritores da Guiné-Bissau. Organizou várias antologias literárias guineenses e, com quatro colegas, criou a Cooperativa e Edições Corubal. É membro do Conselho Consultivo do Observatório da Língua Portuguesa. Em 2020 foi galardoado com o Prémio Literário Guerra Junqueiro. Nas distinções que recebeu, contam-se, entre outras, o Diploma de Mérito em Literatura, Grau de Engenheiro de Alma da SGA – Sociedade de Autores Guineenses. Também pela SGA, os diplomas de Mérito em Jornalismo, nas áreas de Televisão, Rádio e Imprensa.

Tony Tcheka fez parte da Comissão Executiva da Organização Internacional de Jornalistas e fundou a Associação de Jornalistas da Guiné-Bissau. Na sua atividade, ressaltam ligações profissionais com organizações internacionais, nomeadamente, a UNICEF, Swedish Save the Children, UNESCO, IRIN (ONU), IPAD (Portugal). Atualmente, é analista da RDP ÁFRICA.

Tem vasta obra publicada e participação em diversas antologias. Destacam-se os títulos, *Noites de Insónia na Terra Adormecida* (1996); *Guiné Sabura que Dói* (2008); *Desesperança no Chão de Medo e Dor* (2016). Publicou em 2020, *Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba* (ficção-romanceada) e *Guinea*, editado na Alemanha. Tem no prelo *Bissau Velho e Sonhos de Sumauma* e um regresso à poesia, com *SolNoti*.

UNGULANI BA KA KHOSA

[Moçambique]

Nome Tsonga, grupo étnico do sul de Moçambique.



Francisco Esaú Cossa nasceu em 1957, em Inhaminga, província de Sofala. Formado em Direito e em Ensino de História e Geografia. Foi cronista em jornais, co-fundador da revista literária Charrua, diretor-adjunto do Instituto Nacional de Cinema e Audiovisual de Moçambique, diretor do Instituto Nacional do Livro e do Disco e secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Com a sua obra de estreia, *Ualalapi* (1987), integra a lista dos cem melhores autores africanos do século XX, vindo a ser desde então largamente premiado. É também autor de *Orgia dos Loucos* (1990), *Histórias de Amor e Espanto* (1993), *Os Sobreviventes da Noite* (2005, Prémio José Craveirinha), *Choriro* (2009), *O Rei Mocho*, história infanto-juvenil (2012), *Entre as Memórias Silenciadas* (2013, prémio BCI para o melhor livro do ano), *Cartas de Inhaminga* (2017) e *Gungunhana* (2018).

Em fevereiro de 2014, em Maputo, foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, pelo contributo que tem dado para o enriquecimento das letras moçambicanas e a divulgação de Moçambique a nível internacional. Por Decreto de 18 de Abril de 2018, recebeu do Presidente da República Federativa do Brasil o grau de comendador da Ordem de Rio Branco.

ORGANIZAÇÃO



PATROCINADOR OFICIAL



APOIO INSTITUCIONAL



MEDIA PARTNER











Patrocinador Oficial



Apoio Institucional

